



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (UEPB)
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA (DG)
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

DAMIÃO ARAÚJO DA SILVA

**A DINÂMICA SOCIOECONÔMICA DO PEQUENO COMÉRCIO NO
BAIRRO DA RAMADINHA II, CAMPINA GRANDE-PB: UMA
REALIDADE POR TRÁS DE GRADES**

CAMPINA GRANDE-PB
NOVEMBRO-2014

DAMIÃO ARAÚJO DA SILVA

**A DINÂMICA SOCIOECONÔMICA DO PEQUENO COMÉRCIO NO
BAIRRO DA RAMADINHA II, CAMPINA GRANDE-PB:
UMA REALIDADE POR TRÁS DE GRADES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito para obtenção do Título de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Ms Marília M^a Quirino Ramos

**CAMPINA GRANDE-PB
NOVEMBRO-2014**

S586d Silva, Damião Araújo da

A dinâmica socioeconômica do pequeno comércio no bairro da Ramadinha II, Campina Grande-PB [manuscrito] : uma realidade por trás de grades / Damiao Araujo da Silva. - 2009. 61 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2009.

"Orientação: Profa. Ma. Marília Maria Quirino Ramos, Departamento de Geografia".

1. Violência Urbana 2. Comércio Informal 3. Espaço Urbano 4. Dinâmica Socioeconômica I. Título.

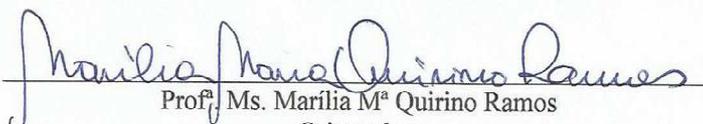
21. ed. CDD 303.62

DAMIÃO ARAÚJO DA SILVA

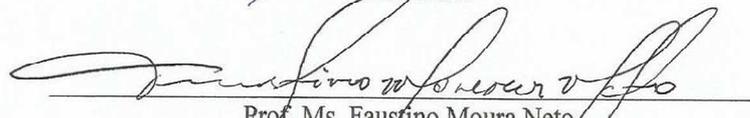
**A DINÂMICA SOCIOECONÔMICA DO PEQUENO COMÉRCIO NO
BAIRRO DA RAMADINHA II, CAMPINA GRANDE-PB:
UMA REALIDADE POR TRÁS DE GRADES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso
de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba -
UEPB, como requisito para obtenção do Título de
Licenciado em Geografia.

Monografia Aprovada em 11 de novembro de 2014.


Prof. Ms. Marília Mª Quirino Ramos
Orientadora


Prof. Esp. Daniel Campos Martins
Examinador


Prof. Ms. Faustino Moura Neto
Examinador

A minha esposa Larissa Rodrigues, por apoiar os meus sonhos e por está sempre presente em minhas realizações e, sobretudo, pelo exemplo de mulher guerreira que representa para mim. A minha mãe Maria de Fátima, pelas felicidades e tristezas compartilhadas e, principalmente, pelo grande amor maternal. E, especialmente, ao meu pequeno Deryl, um grande guerreiro e uma esperança para a nova geração.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço, em todos os momentos, a Deus pela sua proteção, amor e carinho, sobretudo, pelas belezas da natureza que expressam a sua existência.

A toda a minha família, especialmente, aos meus pais, Espedito de Araújo e Maria de Fátima, que com pouco estudo e muito sacrifício me ensinaram a caminhar e agir com honestidade, sinceridade e respeito com o próximo.

A minha esposa Larissa Rodrigues e ao meu filho Deryl de Brito, que a cada dia a nossa cumplicidade possa se tornar cada vez mais sólida, e que o nosso grande Deus possa nos abençoar sempre.

Aos meus irmãos Edivânia, Erivaldo e Marília Araújo, e aos considerados irmãos Alberto, Elder, Jonatas, Márcia, Laelson, Laís, Rodrigo, Rosana, Rosildo e Wellington, agradeço pelo apoio, carinho, e força moral que tem me ofertado sempre.

A minha orientadora Marília Maria Quirino Ramos, pela oportunidade, orientação, atenção e apoio. Sempre serei grato!

Aos professores Faustino Moura Neto e Daniel Campos Martins pelos conhecimentos compartilhados e por fazerem parte da banca examinadora.

A todos os professores do curso de Geografia da UEPB que contribuíram de forma significativa na construção do meu conhecimento e na minha formação profissional.

A turma de Geografia 2009.2, que no início éramos desconhecidos, depois ficamos amigos e durante quatro anos nos tornamos uma família, então, agradeço pelo carinho, amizade, e pela contribuição para o meu crescimento pessoal e profissional.

Aos professores e amigos do curso técnico em Agroecologia da Escola Técnica Redentorista, especialmente, a Juliana, Leandra e Rayslan, e aos professores Denise, Flávio, Patrícia e Taciano, agradeço pelo apoio, incentivo e contribuição acadêmica.

Enfim, a todos aqueles que de forma direta ou indireta contribuíram para a realização deste trabalho, sobretudo, para o meu crescimento pessoal e profissional.

“A pobreza não é causa da violência. Mas quando aliada à dificuldade dos governos em oferecer melhor distribuição dos serviços públicos, torna os bairros mais pobres mais atraentes para a criminalidade e a ilegalidade.”

(Luís Antônio Francisco de Souza)

RESUMO

O estudo desenvolvido é voltado aos pequenos comércios existentes no bairro da Ramadinha II, mesmo a maioria sendo comércios informais (sem registro legal para o funcionamento de uma atividade econômica) são formas que fazem parte do espaço urbano e da sua dinâmica socioeconômica, sobretudo, da vida de muitos que dependem exclusivamente deste comércio para o sustento da sua família. Então, por não ter condições financeiramente satisfatórias para a contratação de seguranças na porta do estabelecimento, o pequeno comerciante e a sua família utilizam a grade de ferro no seu estabelecimento a fim de se prevenir da violência urbana, responsável pelas incomensuráveis perdas econômicas e sociais. A violência e os seus sentimentos derivados tem preocupado e comprometido às diversas formas de atividades econômicas do bairro, ou melhor, o seu fluxo econômico. Além disso, tem comprometido também a liberdade do morador em circular nas ruas do próprio bairro. O estudo consiste numa abordagem qualitativa constituída como estudo de campo, buscando assim, através da relação empírica com o bibliográfico, o assunto a ser alvo objeto de estudo. Assim, neste estudo proposto no bairro da Ramadinha II, vai ser focalizada a dinâmica dos comércios e comerciantes, sobretudo, analisar a dinâmica socioeconômica do pequeno comércio que se faz por trás de grades por motivos das ondas de violência e medo no bairro da Ramadinha II, em Campina Grande- PB.

Palavras Chave: Pequeno comércio. Violência. Insegurança. Bairro da Ramadinha II.

ABSTRACT

The study developed is geared to existing small businesses in the neighborhood Ramadinha II, even most of trades being informal (without lawful for the operation of an economic activity record) are forms that are part of the urban space and its socio-economic dynamics, especially the lives of many who rely solely on this trade for the support of his family. So why not get financially satisfactory conditions for hiring security guards at the door of the establishment, the small trader and his family use the iron fence on their property in order to prevent urban violence, responsible for immeasurable economic and social losses. The violence and its derivatives have feelings concerned and committed to various forms of economic activities in the neighborhood, or rather its economic flow. Moreover, it has also compromised the freedom of residents to circulate on the streets of their own neighborhood. The study consists of a qualitative approach incorporated as field study, so looking through the empirical relation bibliography, the subject matter of study being targeted. Thus, this study proposed in the neighborhood Ramadinha II, will be focused on the dynamics of trades and traders, especially, to analyze the socio-economic dynamics of small businesses that do behind bars for reasons of waves of violence and fear in the neighborhood Ramadinha II in Campina Grande-PB.

Key words: Small trade. Violence. Insecurity. Neighborhood of Ramadinha II.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01- Mapa da localização do bairro da Ramadinha II no mapa urbano parcial da cidade de Campina Grande – PB.....	27
Figura 02- Relação de moradores que detêm o conhecimento sobre a fundação do bairro da Ramadinha II	30
Figura 03- Predominância de pequenos comerciantes em termo de gênero	32
Figura 04- Faixa etária dos pequenos comerciantes.....	32
Figura 05- Grau de escolaridade dos pequenos comerciantes.....	32
Figura 06- Grau de escolaridade do cliente morador	33
Figura 07- Renda dos clientes moradores que consomem os produtos dos pequenos comércios do bairro.....	33
Figura 08- Relação dos pequenos comerciantes que disponibilizam do Alvará	34
Figura 09- Participação do cliente nos dois circuitos da economia.....	35
Figura 10- Naturalidade do pequeno comerciante.....	35
Figura 11- Brechó de roupas localizado no próprio ambiente domiciliar	37
Figura 12- As variadas modalidades de estabelecimentos comerciais existentes no bairro da Ramadinha II	38
Figura 13- Residência situada sobre o estabelecimento comercial	39
Figura 14- Número de Vítimas de CVLI (Crimes Violentos Letais Intencionais) na cidade de Campina Grande, entre os anos de 2012 a 2013.....	41
Figura 15- Ruas do bairro da Ramadinha II consideradas perigosas devido aos constantes crimes ocorridos	42
Figura 16- Grades de proteção na entrada de um estabelecimento pesquisado	43
Figura 17- Grades de proteção instaladas na parte externa de um estabelecimento	43
Figura 18- Assaltos ocorridos aos pequenos comerciantes da Ramadinha II, entre os anos de 2012 a 2013	45
Figura 19- Grades de ferro na parte interna do estabelecimento comercial pesquisado	46
Figura 20- Relação dos comerciantes que afirmam que a utilização das grades de ferro dificulta o seu trabalho	46
Figura 21- Marco de análise para o estudo das consequências da violência urbana.....	47
Figura 22- Relação dos autores que mais praticam assaltos.....	48
Figura 23- Principais motivos ligados aos assaltos no comércio e assassinatos na Ramadinha II	48
Figura 24- Relação de comerciantes que sofreram algum tipo de violência durante a ação de assaltantes	49
Figura 25- Frequência da ronda policial no bairro	49

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	11
2- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1- O comércio como objeto transformador do espaço urbano.....	13
2.1.1- Comércio e cidade: Uma relação mútua	13
2.1.2- O comércio de Campina Grande e sua evolução histórica.....	14
2.1.3- O comércio informal e o circuito inferior da economia urbana	16
2.2- O bairro enquanto espaço produzido.....	18
2.2.1- Uma visão teórica- conceitual sobre o bairro	18
2.3- Reflexões sobre violência.....	23
2.3.1- Insegurança e medo: Sentimentos oriundos da violência.....	23
3- METODOLOGIA	25
3.1- Tipo de pesquisa.....	25
3.2- Instrumento de coleta de dados	26
4- RESULTADOS E DISCUSSÃO	27
4.1- Localização do bairro da Ramadinha II	27
4.2- O bairro da Ramadinha II como objeto de análise	28
4.3- Perfil do público alvo	31
4.4- O comércio e o pequeno empreendedor no bairro da Ramadinha II.....	34
4.5- A presença do pequeno comércio em casa.....	36
4.6- O pequeno comércio na Ramadinha II:Uma realidade gradeada e socialmente insegura	40
4.7- A dinâmica socioeconômica do pequeno comércio em relação à criminalidade	44
4.8- Os autores da violência e do medo.....	47
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	53
APÊNDICES	55

1- INTRODUÇÃO

O elevado crescimento econômico obtido por Campina Grande durante principalmente a fase do comércio algodoeiro (período do ouro branco) transformou essa cidade num importante centro urbano regional. Indiscutivelmente, a urbanização do município e o seu desenvolvimento estão fortemente vinculados às suas atividades comerciais desde os primórdios até os tempos atuais.

O comércio, em primeiro lugar, é uma atividade bastante antiga que se constituiu a partir das primeiras sociedades capitalistas, a sua intensificação possibilitou o desenvolvimento econômico e conseqüentemente, impulsionou com intensidade o crescimento das cidades e expandiu, em geral, os mercados que contribuíram na dinamização do comércio local.

Neste aspecto, cabe ressaltar que o bairro da Ramadinha II, localizado na zona oeste da cidade de Campina Grande-PB, apresenta uma gama de atividades comerciais que supre a demanda das populações em diferentes níveis socioeconômicos e, principalmente, as de baixa renda. Enquanto, a sua questão socioespacial se deu justamente pela pequena comunidade constituída por pobres e pequenas obras como barracos, mercadinhos e bodegas feitos pelas populações de baixo nível socioeconômico, em uma área que no passado era predominantemente rural e pouco habitável.

Devido à deficiência de segurança e ronda policial no bairro da Ramadinha II, o pequeno comerciante é alvo das ondas de violência, assalto e medo, dificultando assim o fluxo socioeconômico do respectivo bairro. Então, para enfatizar essa discussão e colocar em prática é necessário fazer uma reflexão dos contextos sociais, econômico, político, histórico e cultural do bairro, bem como, discutir a insegurança que é motivo de questionamento entre os indivíduos da própria comunidade.

A sensação de insegurança é um tema que ocupou destaque na questão social, visto que a violência urbana, assaltos, roubos e todo mal que possa afetar a ordem pública e da liberdade de cada cidadão é de responsabilidade de todos a procurarem medidas que possam reprimir ou pelo menos prevenir das ondas de violência existentes em vários locais da cidade.

A deficiência de segurança, principalmente, nos bairros de circuito inferior tem comprometido a liberdade não só dos seus moradores como também dos microempreendedores de comércio, na sua maioria, informal (firmas sem registro que não pagam impostos), a exemplo de mercadinhos, sorveteria, pastelaria, salão de beleza, dentre outros que não são cadastrados nacionalmente como pessoas jurídicas, ou sequer não possui

um documento emitido pelo órgão municipal que comprove, legalmente, o funcionamento do estabelecimento.

Então, por não ter condições financeiramente satisfatórias para a contratação de seguranças na porta do estabelecimento, o pequeno comerciante e a sua família gradeiam o seu estabelecimento a fim de se prevenir da violência urbana, responsável pelas incomensuráveis perdas econômicas e sociais.

Assim, neste estudo proposto no bairro da Ramadinha II, vai ser focalizada a dinâmica dos comércios e comerciantes, sobretudo, dos pequenos comerciantes, em relação à frequência das ondas de violência e medo no bairro praticado pelos assaltantes. Com isso, não se pode deixar de levar em consideração o contexto social, econômico, cultural, político e além do resgate histórico local. Nesta perspectiva, é importante enfatizar as relações do pequeno comércio com a sua comunidade para identificar os principais problemas decorrentes da história local e discutir sobre a complexa realidade social e comercial nos tempos atuais.

Portanto, a proposta deste estudo é analisar a dinâmica socioeconômica do pequeno comércio que se faz por trás de grades por motivos das ondas de violência e medo no bairro da Ramadinha II, em Campina Grande- PB. Assim, evidenciando o real motivo que leva os comerciantes a gradearem o seu local de estabelecimento bem como os seus impactos econômicos e sociais.

Este estudo tem ainda como objetivos discutir e caracterizar a atual situação socioeconômica e espacial do bairro da Ramadinha II; discutir a realidade dos pequenos comércios gradeados e de seus empreendedores diante das ondas de violência urbana; ressaltar os reflexos socioeconômicos gerados pela insegurança no bairro e conhecer a importância do pequeno comércio, além do seu fluxo socioeconômico local antes e depois da inserção das grades de ferro nos diversos estabelecimentos comerciais do bairro em foco.

2- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1- O comércio como objeto transformador do espaço urbano

2.1.1- Comércio e cidade: Uma relação mútua

Desde o primórdio das civilizações, comércio e cidade sempre mantiveram uma relação mútua a qual possibilitou o desenvolvimento das primeiras sociedades urbanas e impulsionou intensamente o crescimento do seu espaço, como também ocasionou a introdução de novas áreas de consumo, valores socioculturais, para o lazer e serviços, ampliação das necessidades básicas materiais e imateriais, enfim, novas territorialidades urbanas.

O surgimento do comércio se deu a partir do excedente de produção que, por sua vez deu origem ao sistema de trocas de mercadoria, o que caracterizou como sistema econômico de escambo (onde ocorre a troca, tanto de serviço por mercadoria como de mercadoria por outros tipos de mercadoria). Ao passar dos tempos a atividade comercial se intensifica, a partir do aprimoramento efetuado nos meios de produção.

Desde então, o comércio, ao longo do tempo, sempre manteve uma ligação com a história do desenvolvimento das sociedades. Ou melhor, a sua origem está vinculada a própria História da Humanidade. Durante séculos, o comércio, sempre ocupou um papel de destaque no espaço urbano e até os tempos hodiernos vem contribuindo intensamente na criação de novos espaços e, sobretudo, nas transformações sociais, econômicas, tecnológicas, políticas e culturais.

Em um passado longínquo o comércio era restrito, ou seja, não havia oportunidade de comercializar os produtos em outras regiões, entretanto, com os avanços tecnológicos, nos meios de transporte e comunicações é possível e com mais rapidez expandir o mercado, tanto em escala regional como global. Então, é evidente que:

Uma pessoa que vivia na Idade Média normalmente registrava lentos movimentos capazes de influir no seu trabalho, na sua cultura, na sua classe social. [...] A vida passava com poucas modificações no seu cotidiano. Hoje vivemos em um tempo em que a velocidade das mudanças é acelerada continuamente. Nossos conceitos de tempo, espaço e comunidade estão se transformando de forma veloz (NASCIMENTO e BARBOSA, 1996, p. 56).

Enquanto a cidade, principalmente após o fim do Feudalismo vem oferecendo às sociedades capitalistas espaços para a estabilidade e desenvolvimento das diversas formas de atividades econômicas. O uso do seu solo, como suporte para atividades de comércio e

serviços caracteriza um local de mercado. Conforme Corrêa (2003, p 25) “toda cidade é um local de mercado, onde se dá intercâmbio regular de mercadorias”.

A cidade não se resume apenas à economia, mas também à cultura, à religião e à política. Entretanto, a dinâmica encontrada na cidade e bem como a sua estrutura são consequências do comércio desenvolvido e influente. Logo, se pode afirmar que a cidade se tornou, em um espaço de tempo, um *lócus* da reprodução social. Seguindo esta ótica, Carlos (2007, p.23) esclarece ainda que:

[...] a cidade como espaço produzido vai ganhando novos sentidos, conferidos pelos modos de apropriação do ser humano, objetivando a produção da sua vida. Deste modo, a apropriação revela-se como uso dos lugares em tempos definidos para cada atividade – produtiva ou não-produtiva. Assim a cidade pode ser analisada como lugar que se reproduz enquanto referência – para o sujeito - e, nesse sentido, lugar de constituição da identidade que comporá os elementos de sustentação da memória, e nesta medida, a análise da cidade revelaria a condição do homem e do espaço urbano enquanto construção e obra.

Indubitavelmente, a cidade se trata de um produto social que foi transformada ao longo do tempo e que continua a transformar-se sem cessar, obviamente, para suprir as necessidades humanas. Desde então, o solo urbano serviu como florescimento do comércio entre os povos e que possibilitou o seu desenvolvimento até os tempos atuais.

Atualmente, as cidades contemporâneas disponibilizam espaços “onde as atividades de comércio e serviços que se concentram são de vários tipos” (SOUZA, 2003, p.64). Assim, as cidades coetâneas não são apenas centros de consumo diário, mas também de uma extensa série de mercadoria e signos de consumo produzidos pelas indústrias culturais. Desta forma, alterando os costumes, gostos e preferências do indivíduo e, bem como, criando novos espaços de produção, circulação, distribuição e consumo.

2.1.2- O comércio de Campina Grande e sua evolução histórica

A cidade de Campina Grande-PB é conhecida como a segunda cidade mais populosa do estado da Paraíba, ficando atrás apenas de João Pessoa, capital paraibana. Em meados de 1940, ela teve um grande salto de desenvolvimento devido às atividades tropeiras e, principalmente, ao crescimento do comércio do algodão, sendo este produto o principal responsável pelo crescimento de Campina Grande no século XX. Diante de todo esse crescimento econômico gerado pelo algodão houve um aumento significativo na população campinense que resultou mudanças paulatinas no espaço urbano da cidade.

Como o comércio algodoeiro era a principal atividade econômica para a cidade de Campina Grande, a mesma ficou conhecida como Liverpool brasileira. Pois, a cidade já chegou a ser a segunda maior exportadora de algodão do mundo, sendo o primeiro lugar a cidade de Liverpool na Inglaterra.

No início do século XX, em 1907, a cidade de Campina Grande foi beneficiada com o transporte ferroviário. Este avanço tecnológico, inventado na Europa em 1824 (séc. XIX), foi para os campinenses um marco na história com a expansão do sistema ferroviário do Recife até a cidade de Campina Grande. Com o uso da malha ferroviária a comercialização e o transporte dos produtos para outros portos, a exemplo da capital pernambucana, se tornaram mais acessível.

A instalação da estação ferroviária na cidade de Campina Grande intensificou a economia local, pois além do comércio e o algodão, a ferrovia contribuía intensamente no desenvolvimento econômico da cidade como também no seu crescimento urbano, a exemplo da inserção de novos elementos no seu espaço urbano: armazéns, hotéis, escolas, residências, transportes urbanos e dentre outros elementos, o que demonstra que a cidade até 1937 ainda apresentava um lento crescimento urbano.

Com a chegada do trem, Campina Grande passou a expandir sua área de influência a outros centros urbanos, o que acarretou novos empreendimentos no seu espaço urbano. Então, segundo Corrêa (1993, p.38): “A cidade mantém uma série de ligações com o mundo exterior a ela, ligações que envolvem fluxos de capitais, mercadorias, pessoas e ideias”.

A ligação da capital pernambucana, por meio do sistema ferroviário, representou também para Campina Grande um crescimento intenso no sistema de fluxos, aumentando assim o número de habitantes locais. Por ter sido uma cidade de polo comercial regional, devido à comercialização do algodão, a cidade cresceu bastante em termo demográfico. De acordo com Sá e Araújo (1988) o número de habitantes continuou a aumentar até 1960, passando de 33.800 habitantes, em 1940, para 116.200 habitantes, em 1960.

O intenso crescimento econômico e populacional em Campina Grande datada entre o período de 1940 a 1960 contribuíram para a expansão de diversas atividades comerciais, bem como, a atrair novos investimentos e imigrantes de diversas cidades paraibanas e de estados vizinhos com propósitos comerciais. E nesse mesmo período, segundo Sá (2000), a cidade recebe duas grandes multinacionais de beneficiamento de algodão, a SANBRA e Anderson Cleyton, além de fábricas de tecido, móveis, laticínio, arame, calçados e dentre outras que foram de grande contribuição para a Campina que hoje se presencia.

No contexto atual, a cidade de Campina Grande possui aproximadamente 400 mil habitantes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, 2010) e é considerada um dos principais polos industriais e tecnológicos da região do Nordeste, apresentando destaque no setor de informática, eletrônica e no desenvolvimento de softwares, além de se destacar na produção têxtil e calçadista e nos diversos serviços: educacional, hospitalar, evento cultural, religioso e comercial, possuindo assim uma economia diversificada e em constante expansão. A cidade também é conhecida como cidade universitária, sendo duas delas públicas: a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Além de disponibilizar escolas técnicas que, com o mesmo propósito das universidades, contribuem na pesquisa de inovações no campo tecnológico e de informática, sobretudo, no desenvolvimento educacional e econômico da cidade.

Para a cidade de Campina Grande se tornar preponderante na dinâmica da economia paraibana foi preciso, a priori, a existência de todo um contexto histórico evolutivo da cidade. Nesta perspectiva, conforme Nascimento e Barbosa (1996, p. 70): “O passado está contido no presente, e o presente está ‘grávido’ do futuro”.

2.1.3- O comércio informal e o circuito inferior da economia urbana

Os comércios informais são comuns nos bairros de circuito inferior, pois os agentes que atuam neste tipo de comércio não apresentam uma autorização legal¹ para o funcionamento de tal atividade econômica. Este tipo de mercado, definido como irregular, é um dos mercados que mais cresce no Brasil. O seu crescimento, muitas vezes, está relacionado ao aumento do desemprego estrutural², uma vez que o mercado atual está muito seletivo e com uma concorrência cada vez mais acirrada. Isso significa que o mercado do século XXI está exigindo um profissional qualificado para poder ingressar no mercado de trabalho competitivo.

Sendo assim, o indivíduo não qualificado (por não possuir certo grau de estudo) é descartado pelo comércio formal, o que contribui em mais um trabalhador a optar por dois caminhos. Um caminho é a marginalização social, o que acarreta no aumento do índice de criminalidade, e o outro é a alternativa para as práticas informais. Dessa forma, a exclusão social de indivíduos/trabalhadores que faziam parte da economia urbana formal é

¹ Documento legalmente registrado em cartório, que permite o funcionamento e reconhecimento de um estabelecimento comercial.

² Este tipo de desemprego é resultado das novas formas de organização do trabalho e da produção, que visa cada vez mais por novas tecnologias, como a robótica e a informática.

consequência das mudanças no emprego (inovações organizacionais e tecnológicas) e, principalmente, da lógica desigual, excludente e seletiva da globalização.

O comércio informal se trata de uma alternativa de ocupação, subemprego e de sobrevivência para muitos, a exemplo: desempregados, ex-trabalhadores do sistema formal; indivíduos que nunca tiveram um emprego e aqueles que não trocam o trabalho informal pelo emprego formal, pois se consideram, na maioria deles, donos do próprio negócio. E, como donos e patrões de si mesmo a remuneração é bem maior, se comparado aos salários do mercado formal. Já para aqueles que trabalham para este tipo de dono de comércio informal, a remuneração é baixa e sem direitos trabalhistas, ou seja, há irregularidades no salário e não existem normas regulamentadas pelo Estado.

Dessa maneira, o circuito inferior, composto por essas atividades de economia informal, se caracteriza pelo contrato pessoal entre patrão e empregado, sendo que a remuneração para este último é baixo, as jornadas de trabalho são de longa duração, o uso da mão de obra é intenso e na maioria das vezes o trabalho é feito em família (SANTOS, 2004). Ainda de acordo com o mesmo autor:

O emprego no circuito inferior é uma realidade difícil de definir, pois compreende tanto o trabalho mal remunerado como o trabalho temporário ou instável.

O ingresso nas atividades do circuito inferior geralmente é fácil, na medida em que, para isso, é mais necessário o trabalho que o capital. E como a mão-de-obra é barata, não é difícil começar um negócio. Os empregados, se necessários, são encontrados com facilidade, porque a notícia de oportunidade de trabalho circula rapidamente (SANTOS, 1979, p. 160-161).

A verdade é que o setor informal tem funcionado como um *setor refúgio* para inúmeros de indivíduos que enfrentam o desemprego. Este setor de economia informal e de pequena dimensão tem suas atividades baseadas no crédito pessoal e no dinheiro líquido. Além disso, a sua clientela, na sua maioria, são consumidores locais que não têm condições de adquirir bens e serviços ofertados pelo mercado formal.

Daí Nascimento e Barbosa (1996, p.74) afirmam que a economia informal é “toda uma ampla faixa de trabalhadores que fogem de qualquer regulamentação legal, ‘isentos’ de obrigação fiscal, como a de pagar impostos”. Com um grande número de pessoas que trabalham nesse tipo de comércio, tal prática chega até a competir com o sistema formal. Sistema este que faz parte das atividades do circuito superior³.

³ De acordo com Santos (1979), diferente do circuito inferior que é caracterizado pelo trabalho intensivo, compondo atividades de pequena dimensão e de várias formas de sobrevivência por grande parte da população, o circuito superior é caracterizado pelo uso do capital intensivo e composto pelas grandes empresas que detêm de altos recursos financeiros e tecnológicos.

Diante do exposto, o comércio informal está sujeito a adquirir, no seu cotidiano, multas aplicadas por fiscais municipais. O principal motivo que os microempreendedores informais se negam a pagar as devidas taxas que são impostas pelo governo local é porque a sua margem de lucro total é muito pequena e só garante a subsistência do agente e de sua família (SANTOS, 2004). E como se sabe a maioria dos comércios informais não apresenta controle das condições sanitárias como também, no tocante ao emprego e trabalho, não há respeito aos direitos do trabalhador, mesmo que este seja um trabalhador informal.

É também interessante ressaltar que, as mercadorias comercializadas no circuito inferior são de fato parte do circuito superior, “o atacadista leva um grande número de produtos aos níveis inferiores da atividade comercial e fabril e, assim, a uma gama extensa de consumidores” (SANTOS, 2004, p.41). Ainda sobre o circuito inferior realça o mesmo autor:

[...] parece difícil chamá-lo tradicional, não somente porque é um produto da modernização, mas também porque está em processo de transformação e adaptação permanente e ainda porque, em todas as cidades, uma parte de seu abastecimento vem, direta ou indiretamente, dos setores ditos modernos da economia (SANTOS, *ibid*, p.39).

Faz-se entender que os dois circuitos econômicos, superior e inferior, funcionam de forma complementar, são interligados, sendo que o circuito inferior é dependente em relação ao circuito superior, mas os contatos concorrentes e as relações recíprocas entre esses dois subsistemas são notadas no espaço urbano. E, mesmo que ambas se mostrem como concorrentes o seu real objetivo é um só, produzir, distribuir, comercializar e consumir, onde cada um está sujeito a contribuir para o progresso do outro. Assim, é indubitável que a existência desses dois circuitos econômicos na cidade é responsável pelo processo econômico urbano e pelo seu modelo de organização.

2.2- O bairro enquanto espaço produzido

2.2.1- Uma visão teórica- conceitual sobre o bairro

As transformações e modificações ocorridas no espaço geográfico⁴ pelos seres humanos (principais agentes modeladores do espaço habitado), através da influência dos fluxos de capital e social nas relações de posse e ocupação do espaço e do solo urbano ao

⁴ Para Corrêa (1986), o espaço geográfico é o resultado da natureza primitiva transformada pelo trabalho social. E, segundo Santos (2006), o espaço geográfico se trata de um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, os quais se interagem um com o outro, assim criando objetos novos ou reconfigurando os objetos já existentes no espaço.

longo do tempo acabam alterando a natureza do lugar a fim de atender suas reais necessidades e interesses, tanto socioculturais quanto econômicos.

O bairro como se trata de uma utilidade e recorte espacial produzida pela sociedade e intimamente vinculada à evolução, natureza e imagem da sua cidade, antes mesmo de se tornar uma parte da cidade, ou melhor, uma representação da paisagem urbana com certas características sociais e culturais já foi um espaço predominantemente rural, onde indivíduos praticavam atividades agrícolas e criavam gados para sua subsistência. O processo de alteração e ocupação deste espaço rural da cidade por indivíduos, vindos de outros locais da própria cidade, ou de outras cidades da região implicou no surgimento de um novo cenário constituído por novas categorias analíticas, assim tornando-se propício para novos moradores.

Esta concepção do bairro a partir da imaginação quanto ao espaço, há de ser entendido como dinâmica conduzida pela sociedade, uma vez que a sociedade que o constitui é a mesma que lhe dá vida e existência, é a mesma que conserva os bens histórico-culturais que foram introduzidos no espaço pelos seus antecedentes e, sobretudo, vive em constantes mudanças influenciada pelo meio social com o propósito de suprir as necessidades humanas.

As relações do ser humano com a natureza constituem uma relação de trabalho que resultam em mudanças repentinas, pois é através das relações sociais que as mesmas formas e configurações territoriais ao transcorrer do tempo podem nos oferecer espaços distintos. Para tanto, Santos (1988, p. 87-89) escreve:

Na sua relação com a natureza, o homem não tem uma atitude de repetição, mas sim de invenção. [...] Não há produção do espaço que se dê sem o trabalho. Viver, para o homem, é produzir espaço. Como o homem não vive sem trabalho, o processo de vida é um processo de criação do espaço geográfico. A forma de vida do homem é o processo de criação do espaço. O homem também vai impondo à natureza suas próprias formas, a que podemos chamar de formas ou objetos culturais, artificiais, históricos. Estas formas históricas não são as mesmas através dos tempos...

A partir da relação do meio físico com a evolução da ocupação humana, o espaço geográfico do bairro se tornou um artefato da configuração da cidade, constituída por elementos urbanísticos, sociais e por uma função urbana. Neste aspecto, o bairro mostra ser uma fração do espaço urbano⁵ que surgiu como consequência das relações sociais que, por sua vez, é visto como uma realidade empírica e como um processo vivido e produzido pelos sujeitos sociais, assim o bairro é compreendido tanto como fato concreto (material) quanto

⁵ Segundo Carlos (2007), o espaço urbano representa um valor de uso, onde a vida se transforma a partir das transformações existentes neste espaço. E, nesta mesma perspectiva Corrêa (2004) afirma que, o espaço urbano é um conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si, é também o reflexo e condicionante social, além de um conjunto de símbolos e campo de lutas.

simbólico (vivido). Para complementar este pensamento acerca do bairro enquanto espaço vivido e de relações sociais, Carlos (2007, p.44) diz:

Assim, vai ganhando significado o espaço imediato da vida das relações cotidianas mais finas - as relações de vizinhança, o ato de ir às compras, o ato de caminhar, a ação que marca o encontro com os conhecidos, permite os jogos, as brincadeiras, dando sentido ao ato de habitar. [...] Enfim, uma prática vivida e reconhecida em pequenos atos corriqueiros e, aparentemente, sem sentido, vulgares, mas que criam laços profundos de identidade entre habitante - habitante, e habitante - lugar. Deste modo não estamos nos referindo aos espaços infinitos, mas a espaços banais e reais como a rua, a praça, o bairro, espaços do vivido, que se revelam como os espaços-tempos da vida.

Esta visão sobre o bairro se faz necessária para a compreensão da realidade observada e da organização espacial do bairro em foco. Empiricamente, o bairro é visto como um lugar de moradia, com diversas construções e moradores, onde estes mantêm as relações cotidianas e a partir daí notam o conjunto de objetos e as ações sociais que se realizam sobre estes. Em um caráter geográfico, o bairro remete a ideia de um espaço reproduzido pelo trabalho coletivo ao decorrer do tempo. Pois é através do trabalho social, da vida conjunta dos habitantes que estão inseridos em um mesmo espaço, que ao proceder dos anos e da experiência vivida vão atribuir ao bairro significados e valores, tornando assim um lugar referencial para a vida urbana, que até então era visto como um espaço indiferenciável. Nesta acepção, conforme expõe Tuan (1983, p.6) “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”.

Os bairros das cidades são espaços que mostram ter propriedades tanto simbólicas quanto materiais que os fazem se tornarem referenciais básicos para o conhecimento urbano de seus habitantes citadinos, sendo que neles, principalmente, encontram-se um conjunto de bens histórico-culturais que foram introduzidos no espaço em tempos outrora e que se mantêm resguardado no espaço urbano até os dias atuais. Sendo assim, o espaço geográfico do bairro mostra ser um resultado das interações sociais comuns e do seu nível de conhecimento em relação a este espaço que é sentido e vivido. Nessa mesma ótica, a partir das relações vividas a um determinado espaço, os grupos organizados alicerçados em suas práticas sociais modificam o seu espaço a fim de acompanhar a nova atualidade, as consideradas inovações hodiernas.

Desta maneira, o espaço geográfico do bairro pode ser interpretado como uma produção aberta, contínua e múltipla, no entanto as relações sociais do presente podem cristalizar ou até mesmo substituir os tempos e as ações passadas, porém como o espaço está

vivo e não para no tempo, a nova sociedade contribui na marca sociocultural e bem como favorece a sua existência no espaço da sua urbe.

Como o espaço geográfico é uma totalidade que envolve sociedade e natureza, é função da ciência geográfica decodificar a produção do espaço pela sociedade capitalista, com suas heterogeneidades, contradições e luta de camadas sociais. E, sobretudo, entender e compreender o processo de apropriação da natureza pela sociedade por meio do trabalho e produção capitalista. Nas palavras de Oliveira (1994, p.142) o espaço:

[...] é uma totalidade que envolve sociedade e natureza. Cabe à geografia levar a compreender o espaço produzido pela sociedade em que vivemos hoje, suas desigualdades e contradições, as relações de produção que nela se desenvolvem e a apropriação que essa sociedade faz da natureza.

Portanto,

[...] o espaço reproduz-se, ele mesmo, no interior da totalidade, quando evolui em função do modo de produção e de seus momentos sucessivos. Mas o espaço influencia também a evolução de outras estruturas e, por isso, torna-se um componente fundamental da totalidade social e de seus movimentos (SANTOS, 2005, p.33).

Conceber o espaço como totalidade é entender o espaço geográfico como um elemento híbrido formado por sistema de objetos e sistema de ações. Ou seja, objetos naturais e objetos sociais em relação à dinâmica com a sociedade. Para Santos (1988), o espaço é o resultado da ação do homem e que, por sua vez, é intermediado pelos objetos naturais ou artificiais, existentes no próprio espaço. Prosseguindo com o mesmo pensamento, Corrêa (1986) afirma que o espaço é o reflexo do trabalho social acumulado ao longo do tempo. Neste aspecto, pode-se dizer, não só a partir do nosso cotidiano como a exemplo de tempos outrora, que o espaço contém o movimento e que está associado com a dimensão da mudança, ou seja, está interligado com o tempo (MASSEY, 2008).

Fica evidente que, o espaço não é algo estático, inativo, neutro, ou melhor, o espaço não está morto, mas é algo que, por sua vez, está conectado com tempo e, conseqüentemente, com a dimensão da mudança. Seguindo esta linha de raciocínio Massey (op cit) argumenta que o espaço é tão desafiador quanto o tempo. Pois, enquanto o tempo nos apresenta as oportunidades de mudança, o espaço nos apresenta o social em seu mais amplo sentido. Assim:

Se o tempo se revela como mudança, então o espaço se revela como interação. Neste sentido, o espaço é a dimensão *social* não no sentido da sociabilidade exclusivamente humana, mas no sentido do envolvimento dentro de uma multiplicidade. Trata-se da esfera da produção contínua e da reconfiguração da heterogeneidade, sob todas as suas formas – diversidade, subordinação, interesses conflitantes (MASSEY, *ibid*, p. 97-98).

Conforme a mesma autora, o espaço pode ser visto como um produto das inter-relações, como uma esfera da multiplicidade, e que poderemos identificá-lo como algo sempre em construção e que, por sua vez, está sempre mudando e inovando com o tempo.

Diante dessas considerações constata-se que o espaço não é algo morto, fixo e atemporal, pois até mesmo a deterioração de um edifício ou monumento é considerada uma alteração do espaço e automaticamente da paisagem, por isso as mudanças são contínuas e dinâmicas. O espaço é entendido como dinâmicas dirigidas pela sociedade, em visto que, a sociedade se encontra espalhada pela superfície terrestre, onde existem regulamentos para viver como social, além disso, o espaço é visto como produto do trabalho humano sobre a natureza e todas as relações sociais ao longo da história.

É de suma importância ressaltar que o espaço geográfico do bairro é produzido a cada momento da história e que os objetos do espaço são instalados para responder às necessidades humanas, além disso, cristalizam as ações de um determinado momento do espaço e com estes continua a estabelecer relações, mantendo seu significado original ou estabelecendo outros novos no decorrer do tempo em função do sistema de ações dominantes em cada período. Assim, os objetos fixos têm em si significado próprio e trazem consigo as relações sociais e culturais, na maioria das vezes, estão contidas em um agrupamento de elementos e acabam por possuir um significado maior revelado pelo grupo social.

Para Santos (1985) os elementos do espaço, por sua vez, seriam os homens, as firmas, as instituições, o meio ecológico e as infraestruturas; sendo que, cada elemento tem um valor diferente segundo o lugar em que se encontra. Contudo, os elementos do espaço são intercambiáveis e, nisso ocorre as relações entre eles. Neste caso, o espaço se faz e refaz porque as relações geram um processo de construção (MASSEY, 2008). Assim, se exprime Santos (ibid, p.10):

Dessa forma, cada lugar atribui a cada elemento constituinte do espaço um valor particular. Em um mesmo lugar, cada elemento está sempre variando de valor, porque, de uma forma ou de outra, cada elemento do espaço – homens, firmas, instituições, meio – entra em relação com os demais, e essas relações são em grande parte ditadas pelas condições do lugar. Sua evolução conjunta num lugar ganha, destarte, características próprias, ainda que subordinada ao movimento do todo, isto é, do conjunto dos lugares.

A partir desta abordagem pode-se dizer que os elementos ou variáveis encontrados no bairro (enquanto espaço social) estão em relação constante uns com os outros, não só relações bilaterais, mas relações generalizadas, o que torna cada vez mais evidente. Portanto, abordar o bairro enquanto espaço produzido e vivido, de elementos, fixos e relações sociais é mostrar uma pequena porção do espaço, de um todo, que historicamente foi transformado

como necessidade de moradia, onde resguardam culturas, valores, ideias, conflitos, relações sociais e entre outras, além de ser vista como uma unidade urbana reconhecida pela população. Como afirma Corrêa (1986, p.74-75): “A partir do bairro enxerga-se a cidade e o mundo. Um bairro e seu sistema de valores estável possibilita maior reprodução do grupo social que alí vive”.

2.3- Reflexões sobre violência

2.3.1- Insegurança e medo: Sentimentos oriundos da violência

A insegurança e a sensação do medo estão presentes em todas as classes sociais, uma vez que, qualquer indivíduo está sujeito a situações socialmente negativas, a exemplo de acontecimentos violentos que resultam em sentimentos derivados. Nesta perspectiva, fica evidente que os sentimentos de insegurança e medo entre a população e bem como o seu fortalecimento no universo social estão, indiscutivelmente, ligados à ascensão da violência.

A violência é um assunto bem discutido e que expressa preocupação no cotidiano da sociedade atual. Essa questão da violência e de seus efeitos derivados – insegurança e imaginário do medo – tem se alastrado como enfermidade nas conversas banais entre pessoas de diversas camadas sociais, além de ser destaque de discussões nas instituições de ensino e, principalmente, na mídia. Em relação a este último, a violência exibida e abordada nos noticiários e discursos midiáticos desencadeia na população menos crítica uma reação de medo, assim contribuindo em concepção fictícia e interpretação artificial pelo simples medo de ser vítima de um crime.

A verdade é que a violência urbana tem ameaçado a integridade do indivíduo e afetado a coletividade. A partir daí, todos se sentem ameaçados e correndo risco social, pois a qualquer momento as ameaças reais podem acontecer e, assim afetar a liberdade individual. O medo de sair de casa à noite ou de um comerciante abrir o seu comércio mesmo com sentimentos de ameaça social mostra a representação de risco do bairro ou da urbe em que se reside. Nesta perspectiva, Souza (2008, p.9) menciona:

O medo de sofrer uma agressão física, de ser vítima de um crime violento não é, como já disse, nada de novo; ele se fez presente desde sempre e se faz presente, hoje em qualquer cidade. Porém, em algumas mais que em outras, e em algumas muito, muitíssimo mais que outras.

Diante do exposto, Bauman (2008, p. 8) acrescenta:

O medo é mais assustador quando difuso disperso, indistinto, desvinculado, desancorado, flutuante, sem endereço nem motivo claros; quando nos assombra sem que haja explicação visível, quando a ameaça que devemos temer pode ser vislumbrada em toda parte, mas em lugar algum se pode vê-la.

O medo de acontecimentos externos que abarca as ações delinquentes, os foras da lei e da moral, faz com que a liberdade do cidadão se restrinja ao meio social, além de se tornar uma forma defensiva para evitar uma possível vitimação e assegurar a sobrevivência do indivíduo. Sendo assim, o medo do crime faz com que o cidadão delimite as áreas de risco, ou melhor, crie um mapeamento mental de lugares que representam ameaça e risco social, ou seja, de lugares que não se deve ir devido o nível de periculosidade ao ser humano. Então, devido à criminalidade e à falta de segurança local, o medo se propaga em diversos cantos: no próprio lar de convívio, nos lugares de consumo e, especialmente, nas ruas de cada bairro da cidade.

Diante desta realidade, observa-se que uma ação leva a outra, pois tudo começa pelo índice das altas taxas de violência que resulta no indivíduo o sentimento de insegurança, ou seja, perturbação ou reflexo psicológico cristalizado sobre o crime, a exemplo da desconfiança sobre as pessoas em seu entorno que, por sua vez, gera o imaginário do medo e, concomitantemente, se propaga entre a população por meio de conversas corriqueiras e da mídia.

Esses sentimentos oriundos das práticas criminosas têm se tornado um problema social, uma preocupação generalizada que vem comprometendo a liberdade e trazendo constrangimento à vida dos cidadãos.

Poderíamos dizer que a insegurança moderna, em suas várias manifestações, é caracterizada pelo medo dos crimes e dos criminosos. Suspeitamos dos outros e de suas intenções, nos recusamos a confiar (ou não conseguimos fazê-lo) na constância e na regularidade da solidariedade humana (BAUMAN, 2009, p. 16).

O aumento gradativo da criminalidade e a insegurança tem deixado uma série de efeitos negativos em todos os setores da sociedade. A proliferação do medo e da insegurança na sociedade em geral tem separado o ser humano do seu convívio social, das inter-relações com o vizinho e com a sua comunidade, pois o medo do outro passou a fazer parte do seu cotidiano e como meio de se prevenir de tais ações externas que possam lhe afetar em um determinado ambiente percebido, ou seja, uma pré-concepção de como as coisas aparentam ser ao indivíduo sobre um lugar.

3- METODOLOGIA

3.1- Tipo de pesquisa

O presente estudo consiste na pesquisa explicativa e exploratória, sob uma abordagem qualitativa constituída como estudo de campo, buscando assim, através da relação empírica com o bibliográfico, o assunto a ser alvo objeto de estudo, uma vez que o tema abordado só foi possível através do levantamento de referências teóricas já elaboradas e do conhecimento empírico que detêm os habitantes do bairro da Ramadinha II, em Campina Grande- PB.

Deste modo, foi necessário utilizar métodos qualitativos para buscar explicar o porquê das coisas, ou seja, se os pequenos comerciantes utilizam grades de ferro no seu estabelecimento comercial ou encerram as suas atividades cedo é porque existe uma explicação e um motivo para tal fato. A pesquisa qualitativa preocupa-se em entender o que faz um indivíduo a fazer determinadas ações, desta forma, desperta uma preocupação com aspectos da realidade, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.

O estudo de campo foi realizado com intuito de procurar e explicar uma realidade específica como também fazer o reconhecimento da área estudada para melhor definir as ocorrências da violência e o medo que instalou em determinados pontos (ruas, mercadinhos, dentre outros). De acordo com Gil (2008), o estudo de campo é realizado através da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com indivíduos desse grupo, e que por meio destes se obtém explicações e interpretações do ocorrem naquela realidade.

Cabe dizer, ainda, que através da aplicação de questionários aos clientes/ moradores, acima de 18 (dezoito) anos de idade, e aos pequenos comerciantes do bairro foram feitas análises quantitativas para melhor definir as amostras e o retrato real da problemática. Além da aplicação de questionários também foi realizado entrevistas com alguns pequenos comerciantes do bairro para melhor entender o seu trabalho em meio às ondas de violência e medo. Sendo assim, esclarece Fonseca (2002, p. 20): “A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. [...] A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente”.

Os dados como quantidades de pessoas que residem no bairro da Ramadinha II e as estatísticas de criminalidade ocorridas no próprio bairro durante os anos de 2012 a 2013

foram obtidos através de questionários aplicados aos habitantes do referido bairro e informações oficiais cedidas pelos órgãos do IBGE e pela 2ª Superintendência Regional de Polícia Civil de Campina Grande. E, devido à ausência de algumas informações oficiais foram utilizados recursos de fotografia e softwares de programa de internet e computador, que foram fundamentais para a confecção de mapas.

3.2- Instrumento de coleta de dados

Para o desenvolvimento desse estudo foi utilizado como instrumento de coleta de dados a entrevista e o questionário, mais precisamente um total de 80 questionários, sendo 50 destes destinados a clientes/ moradores e os 30 destinados a pequenos comerciantes. A entrevista e a aplicação dos questionários foram realizados nas ruas do bairro da Ramadinha II, em pontos de comércio e na residência de alguns moradores e comerciantes do bairro citado.

O questionário aplicado aos pequenos comerciantes possuía 20 perguntas, já o dos clientes/moradores possuía 21 perguntas. As questões propostas eram voltadas à violência urbana, aos tipos de crime e os locais do bairro considerados mais violentos pelo morador, sobretudo, a criminalidade ocorrida nos pequenos comércios, fazendo com que o comerciante adote medidas de prevenção contra as ondas de violência existente no bairro.

Portanto, a análise quantitativa foi feita através de questionários, juntos a alguns moradores e comerciantes da Ramadinha II. Segundo Quivy e Campenhoudt (1992), o questionário é um instrumento útil e de investigação que visa obter informações através de opiniões, representações, crenças e fatos, sobre um grupo representativo da população em estudo e o seu espaço habitado.

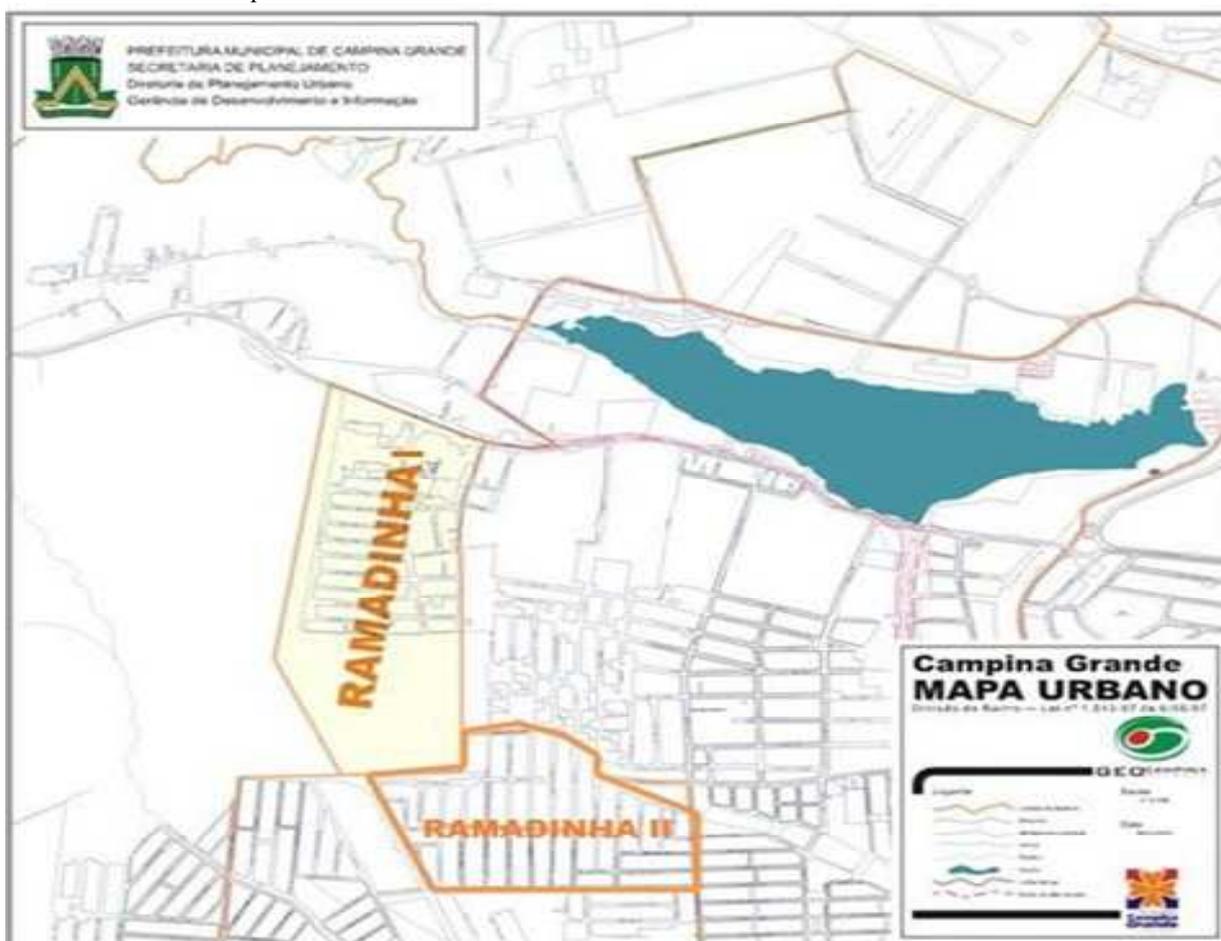
4- RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1- Localização do bairro da Ramadinha II

Uma das etapas da pesquisa compreendeu a localização do bairro estudado (Figura 01), este mapa serviu como alicerce para a construção de outros mapas que expressam a violência dentro bairro, ou melhor, lugares em que a sua população local considera perigoso para frequentar.

Devido a SEPLAN não disponibilizar do mapa da Ramadinha II⁶, e sim da Ramadinha I, se fez necessário a partir dos dados obtidos por meio de entrevista *in loco* delimitar a área do bairro estudado. Após a delimitação do bairro, feito com o auxílio de ferramentas do computador, nota-se que a Ramadinha II se situa logo abaixo da Ramadinha I.

Figura 01- Mapa da localização do bairro da Ramadinha II no mapa urbano parcial da cidade de Campina Grande – PB.



Fonte: Mapa Base – Prefeitura Municipal de Campina Grande - PB. Secretaria de Planejamento (SEPLAN). 2014 (adaptado pelo autor).

⁶ De acordo com a Secretaria de Planejamento da cidade de Campina Grande – PB, a Ramadinha II é uma subdivisão criada pelo conhecimento popular dos próprios moradores do bairro, pois o bairro em questão está registrado como Malvinas. Sendo assim, foi necessário realizar uma pesquisa nas ruas da Ramadinha II para poder delimitar a sua área, conforme o senso comum da sua população local.

4.2- O bairro da Ramadinha II como objeto de análise

O campo empírico, no qual a pesquisa destinou-se, está localizado na zona oeste da cidade de Campina Grande- PB, com população total de 2.170 habitantes (IBGE, 2010). A sua população se apresenta em diferentes níveis socioeconômicos, porém a classe social predominante é a de baixa renda.

De acordo com dados obtidos pelos habitantes do bairro estudado, a Ramadinha II em sua fase inicial apresentava, como características de uma natureza primitiva, aspectos físicos ou naturais presentes, a exemplo de: animais, plantas, árvores, matas fechadas e de toda uma relação de interdependência entre eles. Com a invasão do ser humano neste local ocasionou a interferência no meio natural, a partir do corte de uma árvore para construção de um abrigo que logo se definia como moradia, impactou e modificou o espaço primitivo. Toda transformação ou modificação realizada na natureza é oriunda do trabalho humano. É somente através do trabalho que o ser humano é capaz de construir, produzir e desenvolver tudo aquilo que será útil a si mesmo ou para outro indivíduo.

A intervenção na natureza foi, em um primeiro momento, marcado pelo extrativismo, passando em seguida por um progressivo processo de transformação, incorporando a natureza ao cotidiano do homem como meios de subsistência e de produção, [...]. Fala-se, assim, da natureza primitiva transformada em *segunda natureza* [...], ou seja, a natureza primitiva transformada pelo trabalho social (CORRÊA, 1986, p.54).

Para Sivieri,

O trabalho é uma atividade que transforma ou altera o estado natural dos materiais ou produtos para melhorar sua utilidade. Assim, a espécie humana partilha com as demais espécies a atividade de atuar sobre a natureza, no entanto a faz de modo a transformá-la para melhor satisfazer suas necessidades oriundas da condição humana (SIVIERI, 1995, p. 80).

É por meio do trabalho que o ser humano modifica o espaço e transforma o seu estado natural (matéria-prima) em um estado favorável para melhor satisfazer suas necessidades. A ação dos seres humanos sobre a natureza, enquanto construção social para suprir suas condições indispensáveis da vida, é de forma intencional, no objetivo de reproduzir a sua vida e a de outros. Portanto, em concordância com Santos (1988, p.88): “Toda ação humana é trabalho e todo trabalho é trabalho geográfico”.

Como dentre outros bairros, de escala local ao global, o bairro da Ramadinha II corresponde ao espaço construído e alterado pelo ser humano. Pode ser acentuado como sendo o cenário das mais diversas concretizações humanas nas quais estão presentes às

relações sociais e desses com o meio. Entendendo-se que o espaço geográfico resguarda o ser humano e todos os elementos naturais que nele está presente.

Cabe frisar que tanto para Corrêa (1986) como para Santos (1988), o espaço é elucidado como um conjunto de objetos e ações humanas; o que se pode dizer que o ser humano é o principal modelador do espaço geográfico, isto é, do espaço habitado. Em outras palavras, o espaço é como uma produção sucessiva e múltipla, ou melhor, o espaço está vivo e sempre em movimento (MASSEY, 2008).

O ser humano como é um ser reflexivo, ele reage tanto sobre os objetos, compondo “práticas espaciais” ou um “espaço vivido” que envolvem a produção e reprodução e realidade cotidiana, quanto sobre as próprias ideias a respeito destes objetos (espaço concebido). O conjunto destes objetos, criados pelo ser humano é definido como organização espacial ou espaço socialmente produzido como decorrência do trabalho humano acumulado ao longo do tempo.

A organização espacial é, para Corrêa (1986), um reflexo social, um produto da própria necessidade de reprodução da sociedade, visto que o espaço geográfico é constituído pelos objetos produzidos e modificados pelo trabalho social, e estes possibilitam a reprodução da sociedade. No processo de produção, ou seja, transformação do espaço se faz necessário transformar o meio para suprir as necessidades dos seres humanos.

Através da força do ser humano, ou melhor, do resultado do trabalho social se tem uma organização espacial, onde existe a forma que é o aspecto visível de um objeto. Pode ser citado como exemplo de forma, desde a nossa casa, o bairro, até a nossa cidade. Tudo isso se trata de construções humanas, da segunda natureza, que é organizada espacialmente pela sociedade. Logo, a segunda natureza seria todas as formas espaciais, fixos e fluxos, distribuídos e cristalizados sobre a superfície da Terra. Em outras palavras:

Os campos cultivados, os caminhos, os moinhos e as casas, entre outros, são exemplos de segunda natureza. Estes objetos fixos ou formas dispostas espacialmente (formas espaciais) estão distribuídos e/ou organizados sobre a superfície da Terra de acordo com alguma lógica. O conjunto de todas essas formas configura a organização espacial da sociedade (CORRÊA, 1986, p. 54).

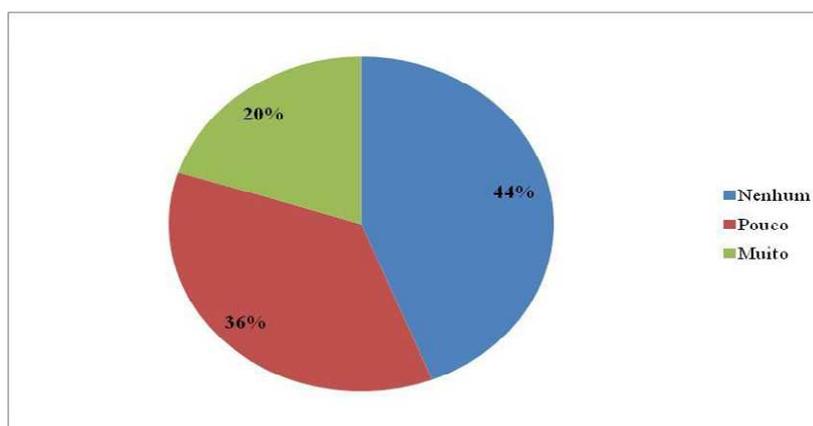
O bairro da Ramadinha II, como exemplo de forma espacial e produto da ação humana, a sua formação socioespacial se deu, *a priori*, pela a pequena comunidade constituída por pobres e pequenas obras como barracos, mercadinhos, mercearias e bodegas feitos pelas populações de baixo *status* da sociedade, em um espaço que remotamente se

predominava o natural e pouco viável ao ser humano. Nesta concepção, sobre as obras construídas pela comunidade do bairro em questão, pode-se expor que:

O longo processo de organização e reorganização da sociedade deu-se concomitantemente à transformação da natureza primitiva em [obras, consideradas como segunda natureza]. Estas obras do homem são as suas marcas apresentando um determinado padrão de localização que é próprio a cada sociedade. Organizadas espacialmente, constituem o espaço do homem, a organização espacial da sociedade ou, simplesmente, o espaço geográfico (CORRÊA, 1986, p. 52).

Em décadas passadas o bairro era somente uma área desabitada com elementos naturais, ao decorrer dos anos o ser humano passou a se apropriar desses elementos, transformando e alterando-o para melhor atender às suas necessidades, sejam elas quais forem. Nesta perspectiva, a fundação da Ramadinha II, através da análise dos dados coletados, se deu de forma desordenada e irregular. Os moradores que detêm de maior conhecimento discorre que o bairro era de início uma fazenda denominada Ramadinha, esta recebeu tal nome pelo motivo das ramas alí presentes. No entanto, por meio dos questionários aplicados fica perspicuo que a maioria dos moradores não detêm do conhecimento sobre a fundação do seu bairro (Figura 02).

Figura 02- Relação de moradores que detêm o conhecimento sobre a fundação do bairro da Ramadinha II.



Fonte: Pesquisa de campo, jul./2014.

Atualmente, as transformações são percebidas no espaço urbano da Ramadinha II a partir das construções presentes, como modernos objetos do comércio, construções residenciais, além de outras obras geografizadas pelo trabalho humano. Dessa maneira, as modificações ocorridas no espaço são identificadas nas novas construções (residenciais e

comerciais) e até mesmo nas reformas dos objetos já existentes desde o surgimento do bairro, consideradas como antigas formas ou objetos espaciais.

É a partir do conjunto de atividades e técnicas realizadas pelas sociedades de forma contínua que o espaço vai se tornando cada vez mais artificializado, humanizado e também historicizado, onde todos os passados se encontram e afrontam com o presente. Com outras palavras, mesmo que o ser humano, com suas novas técnicas de inovação, impõe a segunda natureza novas formas espaciais sempre haverá no espaço social resquícios de objetos passados, o que se pode chamar de formas ou objetos culturais, geográficos e, sobretudo, históricos.

É perceptível, no bairro da Ramadinha II, o encontro entre o passado e o presente, o novo e o velho, no que se refere às novas formas espaciais fazendo parte da paisagem urbana do mencionado bairro e ocupando-o espaços com as antigas formas que já existiam desde a sua origem. Nesse sentido, o arranjo espacial da Ramadinha II é constituído por novos e antigos objetos, elementos considerados modeladores do espaço social, que resguardam e resistem no tempo, em tempos diferentes, e que convivem no mesmo espaço assumindo funções para atender as necessidades dos grupos sociais.

Logo, nota-se que o espaço do bairro é formado de objetos fixos representados por casas, ruas, construções, pontos comerciais e entre outros. Além disso, as condições políticas, econômicas e culturais, reconfiguram o sistema de relações socioespaciais ligados a estes objetos. Dessa forma, os objetos são expressos não só pela sua dimensão material, mas também por suas formas e funções atreladas a estrutura social em movimento.

No âmbito do seu espaço estão presentes os elementos fixos como também os fluxos, sendo que esses se originam dos instrumentos de trabalho e das forças produtivas em geral, ou seja, dos fixos. Daí Santos (1988) afirma que a geografia de um lugar é formada de fixos e de fluxos. E, quando falamos em função dos objetos geográficos, estamos falando dos fluxos, que dão existência e valores aos objetos fixos. Assim, na Ramadinha II os elementos, fixos e fluxos, se fazem presente, onde um interage com o outro e se integram formando o que denominamos de espaço social.

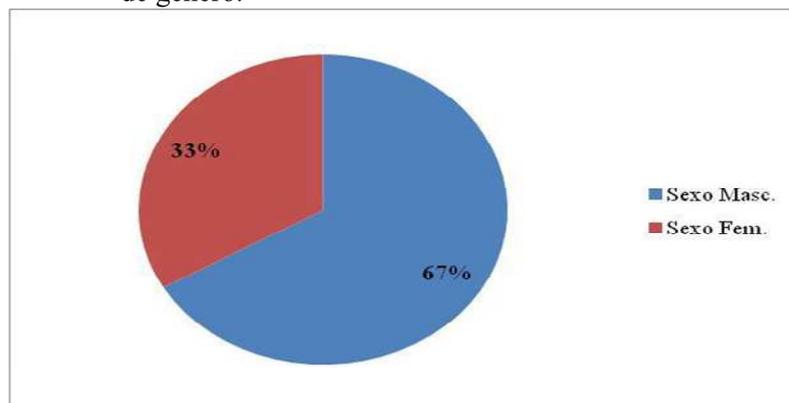
4.3- Perfil do público alvo

Através dos questionários aplicados foi possível levantar o perfil dos clientes moradores e, principalmente, dos pequenos comerciantes do bairro da Ramadinha II, em termo de gênero, grau de escolaridade, faixa etária e renda. Sendo assim, esta etapa da

pesquisa inicial corresponde à identificação do público alvo que se divide em dois perfis: o do pequeno comerciante e o perfil do cliente que é morador da Ramadinha II.

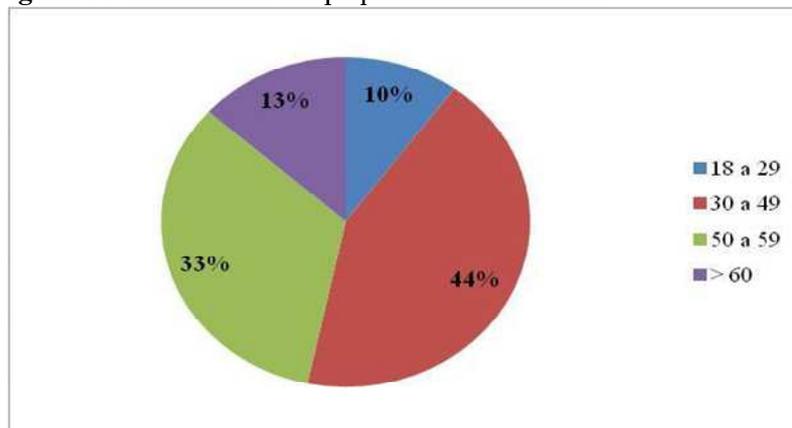
A caracterização do pequeno comerciante está representado nas Figuras 03, 04 e 05.

Figura 03- Predominância de pequenos comerciantes em termo de gênero.



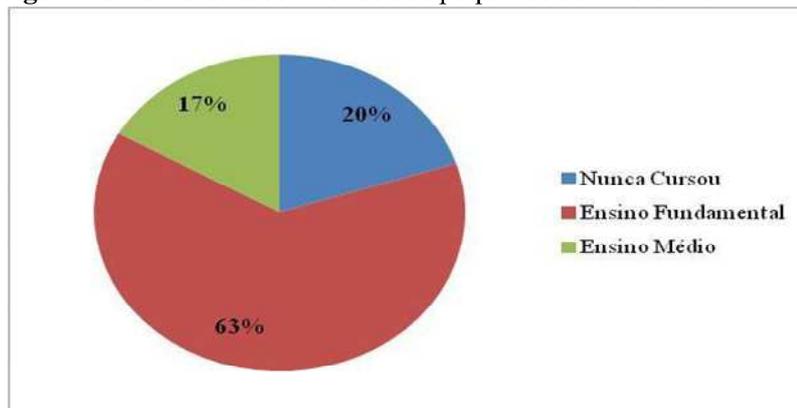
Fonte: Pesquisa de campo, jul./2014.

Figura 04- Faixa etária dos pequenos comerciantes.



Fonte: Pesquisa de campo, jul./2014.

Figura 05- Grau de escolaridade dos pequenos comerciantes.

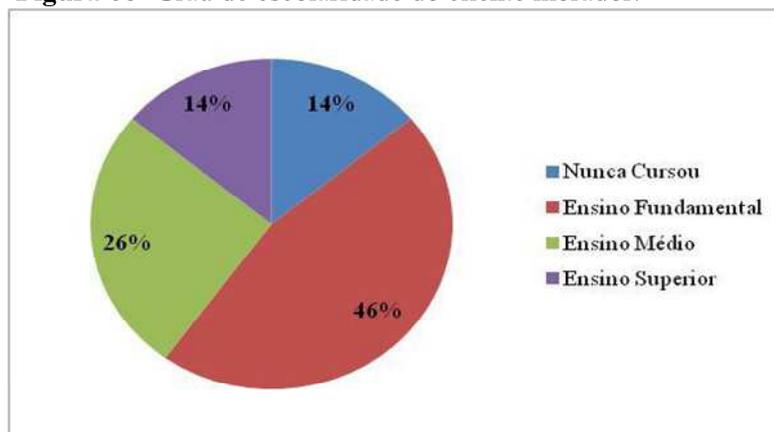


Fonte: Pesquisa de campo, jul./2014.

No que se refere ao perfil do pequeno comerciante do bairro da Ramadinha II, os dados obtidos em relação ao gênero, mostra que há predominância do sexo masculino, com faixa etária entre 30 a 59 anos, e o nível de escolaridade apresentado é, na sua maioria, o Ensino Fundamental incompleto.

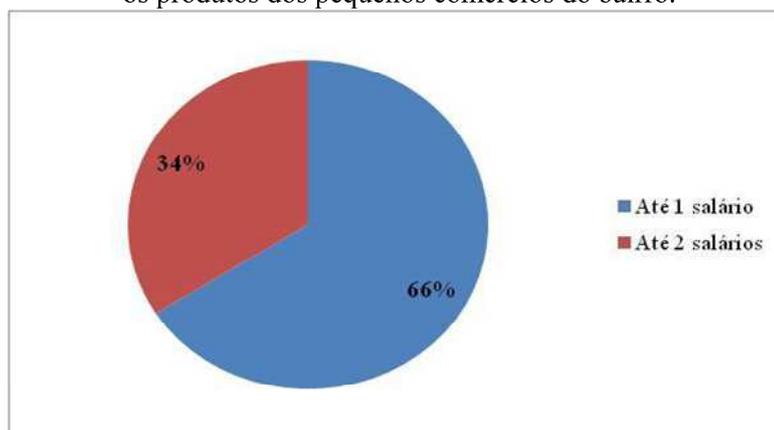
O perfil do cliente morador da Ramadinha II pode ser visualizado através das Figuras 06 e 07.

Figura 06- Grau de escolaridade do cliente morador.



Fonte: Pesquisa de campo, jul./2014.

Figura 07- Renda dos clientes moradores que consomem os produtos dos pequenos comércios do bairro.



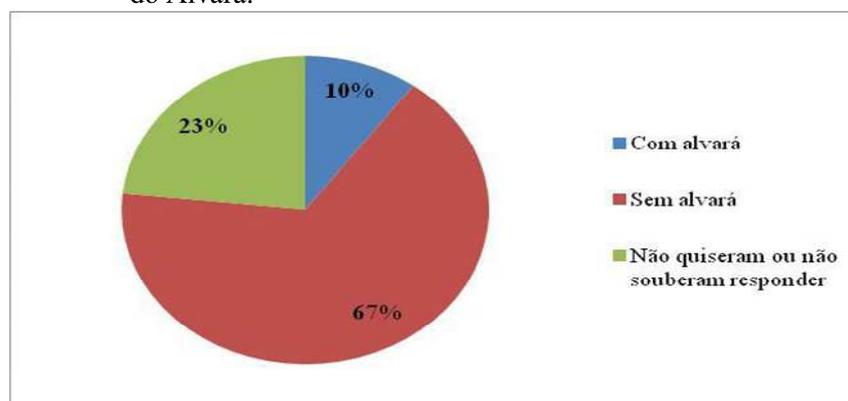
Fonte: Pesquisa de campo, jul./2014.

No que se refere ao perfil do cliente/morador, este possui também na sua maioria o Ensino Fundamental incompleto. Enquanto, a renda é de até 1 salário mínimo, o que corresponde a aposentados, trabalhadores formais e informais.

4.4- O comércio e o pequeno empreendedor no bairro da Ramadinha II

As diversas formas de atividades comerciais existentes no bairro da Ramadinha II, em sua maioria, são comércios informais, pois muitos deles não têm documentos emitidos por autoridade judicial ou administrativa que possam ratificar o licenciamento legalizado do respectivo estabelecimento comercial. Sobre esse caso, a Figura 08, realizado de acordo com as informações obtidas através dos questionários, mostra que muito dos pequenos comércios da Ramadinha II estão sujeitos a sofrer multas pelos fiscais da Prefeitura Municipal.

Figura 08- Relação dos pequenos comerciantes que disponibilizam do Alvará.



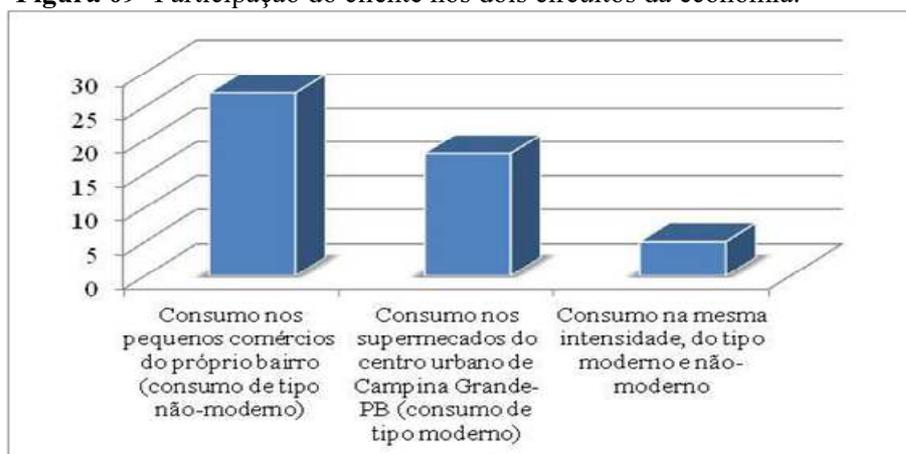
Fonte: Pesquisa de campo, jul./2014.

Então, pela a ausência de registro ou identificação do estabelecimento comercial, como o Alvará (documento que autoriza o funcionamento de pequenos estabelecimentos comerciais) ou CNPJ (Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica), na realização das compras de mercadorias diretamente dos fornecedores os microempreendedores informais acabam, na maioria das vezes, não tendo direito a título de crédito ou a duplicata, que obriga o comprador a pagar, em data preestabelecida, o valor total correspondente à mercadoria adquirida. Mas, mesmo quando um comércio não tem estes tipos de documentos alguns fornecedores aceitam o CPF (Cadastro de Pessoa Física) do pequeno comerciante para este ter acesso à duplicata, porém para um estabelecimento comercial existir legalmente é essencial que tenha registros ou documentos que comprovam o seu funcionamento. Esse tipo de comércio informal vem crescendo cada vez mais no bairro, assim como também ocorre em várias cidades do Brasil.

Assim fica o aspecto a ser considerado que a maior parte dos produtos comercializados no circuito inferior, o que abrange o bairro mencionado, vem dos setores formais que chegam até aos microempreendedores de forma direta ou indireta. Na realidade,

os dois setores da economia – formal e informal – se relacionam a partir da complementaridade, subordinação e concorrência. E o que faz distinguir um do outro não é a questão formalidade ou informalidade e sim a forma de organização e comportamento no espaço social, além do uso de capital e tecnologia. Sendo assim, através dos questionários respondidos pelos clientes/ moradores, a Figura 09, mostra desvios no ato de consumo, ou seja, há também moradores que consomem produtos fora do circuito ao qual pertencem.

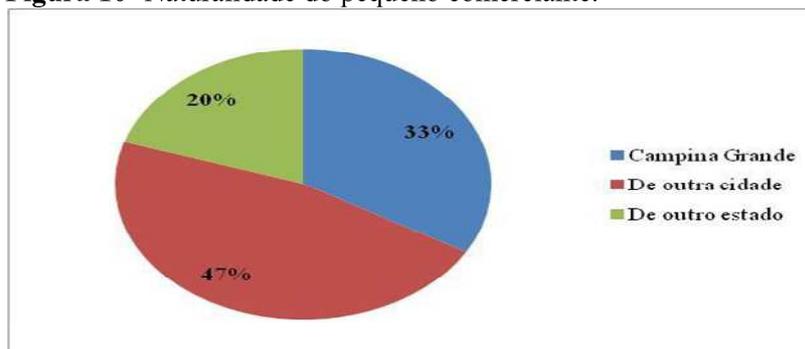
Figura 09- Participação do cliente nos dois circuitos da economia.



Fonte: Pesquisa de campo, jul./2014.

Com base no exposto compreende-se que o bairro da Ramadinha II constitui também uma estrutura de abrigo, um setor recepção, tanto para os cidadãos antigos como também para os novos, desprovidos de certas qualificações profissionais exigidos pelo mercado atual. Daí entende-se que o desemprego contribui para o crescimento das atividades do circuito inferior da economia urbana, em especial, para a multiplicação dos pequenos comércios, principalmente, o crescimento dos comércios informais. Desta forma, foi constatada que boa parte dos comerciantes do bairro em questão possui naturalidade de outros municípios do estado da Paraíba (Figura 10).

Figura 10- Naturalidade do pequeno comerciante.



Fonte: Pesquisa de campo, jul./2014.

Como já se sabe, as atividades do circuito inferior são baseadas no crédito pessoal e no dinheiro líquido o que afiança a subsistência da família como também a reposição das mercadorias do pequeno comerciante. É notória a facilidade de ingresso nas atividades desse setor, já que o trabalho é o fator essencial no circuito inferior, pois até mesmo os analfabetos com pouco de capital podem montar o seu pequeno “negócio” e assim colocar em prática o seu trabalho autônomo ou o trabalho em conjunto com a família. Em conformidade com Santos (2004, p. 45- 46):

Esse circuito é o verdadeiro fornecedor de ocupação para a população pobre da cidade e os migrantes sem qualificação. Tudo isso está ligado às condições tecnológicas e financeiras das atividades desse setor e a suas relações com o conjunto da economia urbana.

No circuito inferior, a acumulação de capital não constitui a primeira preocupação ou simplesmente não há essa preocupação. Trata-se, antes de tudo, de sobreviver e assegurar a vida cotidiana da família, bem como tomar parte, na medida do possível, de certas formas de consumo particulares à vida moderna.

Fica respaldado que muitos dos indivíduos do bairro da Ramadinha estão ligados ao circuito inferior, entretanto, não se pode alegar que o seu trabalho está exclusivamente voltado a esse circuito, pois boa parte desses indivíduos vende ou já venderam, temporariamente ou ocasionalmente, a sua força de trabalho no circuito moderno da economia.

4.5- A presença do pequeno comércio em casa

No bairro da Ramadinha vê, *in situ*, a presença marcante do pequeno comércio sendo realizado em casa (Figura 11). Trata-se de uma característica típica do setor popular da economia, pois é comum encontrar nesse setor residências sendo usadas como unidade de trabalho e moradia. Sobre essa concepção Santos (1979, p. 170- 171) argumenta:

É comum que o local de trabalho dos artesãos e o ponto de venda dos comerciantes sejam em sua habitação, mesmo que alguns disponham de uma venda no mercado ou na cidade. Isso representa uma economia de tempo e de dinheiro e quase sempre constitui a única possibilidade de ter uma atividade econômica. [...] isso significa também a possibilidade de fugir dos impostos. As mulheres comerciantes podem ter ao mesmo tempo outras atividades, como a de costureiras, de lavadeira e sobretudo de mãe de família. O trabalho em casa facilita também as relações com a vizinhança, os clientes estão certos de poder ser atendidos não importa a que hora, mesmo aos domingos e feriados.

A partir desta concepção é importante discorrer que no bairro em questão, alguns dos membros da família que auxiliam no funcionamento do ponto de venda em sua própria residência também possuem emprego no setor formal, o que significa uma renda a mais para o sustento da família, entretanto, na maioria das vezes, a família só depende mesmo das atividades econômicas realizadas em casa. Então, o pequeno negócio “montado” em casa se define como uma unidade familiar comercial, pois como o trabalho está sendo executado no ambiente doméstico é comum envolver toda a família: homem, mulher e os filhos (as) do pequeno empreendedor.

Figura 11- Brechó de roupas localizado no próprio ambiente domiciliar.



Fonte: Pesquisa de campo, nov./2013.

As pequenas unidades familiares comerciais encontradas no bairro da Ramadinha II são representadas por salão de beleza, bodegas, mercearias, mercadinhos, pequenas lojas de confecção, casas de bolo, casas de consertos eletrodomésticos e veículos, casas de estofamento, casas de manicure (essas geralmente se deslocam para a casa da clientela), lanchonetes, brechós e dentre outros estabelecimentos⁷ aos quais estão distribuídos pelas ruas do bairro que, na sua grande maioria, estão localizadas nas residências do próprio morador ou nas proximidades destas. Na Figura 12, o comércio se enquadra em diversos tipos e categorias: necessidades básicas e secundárias, materiais de construção, lojas, oficinas e serviços pessoais, do lar e afins.

⁷ As informações obtidas sobre os diversos tipos e quantidades de estabelecimentos comerciais se deu através de uma pesquisa realizada *in loco*, no mês de julho de 2014.

Figura 12- As variadas modalidades de estabelecimentos comerciais existentes no bairro da Ramadinhá II.

Categorias	Especificação	Quantidade
Necessidades básicas	Frigorífico de carnes	2
	Granjas	1
	Marmitaria	1
	Mercadinho	5
	Mercearias (bodegas)	25
	Mini Box	6
	Padaria	3
Necessidades secundárias	Bolos e Tortas	2
	Lanchonete	2
	Pastelaria	3
	Sorveteria	3
Lojas, Fábricas e Materiais p/ construção	Brechó de roupas	2
	Brechó de móveis	2
	Fábrica de confecção	1
	Fábrica de luvas de couro	1
	Fábrica de sorvete e picolé	1
	Lojas de confecções e acessórios	9
	Lojas de celular e acessórios	1
	Material de construção	3
Oficinas	Estofamento de cadeiras e sofás	1
	Oficina de bicicleta	3
	Oficina de moto e pintura	2
	Oficina de refrigeração	1
	Serralharias	2
Serviços pessoais, do lar e afins	Salão de cabelereiro	5
	Manicure e Pedicure	2
	Copiadora	2
	Assistência Técnica de Eletrodomésticos	3
Outros	Game House	1
	Loteria (caixa)	1
Total		96

Fonte: Pesquisa de campo, jul./2014.

É notório que a dimensão de negócios e as variadas modalidades de estabelecimentos comerciais existentes no bairro atendem às diferentes necessidades do morador local. E, a partir de algumas dessas unidades familiares comerciais fica evidente que “nada se perde, nada se cria, tudo se transforma” nesse setor popular, a exemplo de roupas terceirizadas que são comercializadas em brechó. Para respaldar esta argumentação, Santos (1979, p. 156- 157) escreve:

O jornal usado torna-se embalagem, o pedaço de madeira se transforma em cadeira, as latas, em reservatórios de água ou em vasos de flores, etc. Isso ocorre também com as roupas que passam do pai para o filho, do irmão mais velho para o irmão mais novo, se já não foi comprado de segunda mão; na construção das casas aproveitam-se todos os tipos de materiais abandonados ou vendidos a baixo preço. Muitos utensílios comerciais e domésticos são produtos de recuperações e a vida de uma peça, aparelho ou motor pode ser prolongada pela engenhosidade dos artesãos [...] que é uma das maiores características das economias pobres, em oposição ao desperdício das economias ricas e modernas.

É também comum o prolongamento do horário de funcionamento dessas unidades familiares comerciais, já que a família, na sua maioria, reside no mesmo espaço físico do estabelecimento (Figura 13). Esses longos horários expressam a necessidade de aumentar a renda e, como tática de se relacionar melhor com a vizinhança que a maior parte é a sua clientela e a fonte de sua sobrevivência. Então, como a família do proprietário do pequeno comércio reside na própria unidade de trabalho ou bem próximo a ela, muitos dos seus clientes podem ser atendidos a qualquer horário e em qualquer dia da semana, independente de ser feriado, domingo ou sábado.

Figura 13- Residência situada sobre o estabelecimento comercial.



Fonte: Pesquisa de campo, nov./2013.

Faz-se interessante também mencionar nesse contexto a presença de bancas de frutas, verduras e hortaliças instaladas de frente a própria casa do pequeno comerciante ou próximo a sua residência, geralmente nas esquinas de ruas. Uns montam a sua banca diariamente, pois estes dependem somente dessa atividade econômica para o seu sustento e da família, enquanto

outros não assíduos instalam a sua banca geralmente nos sábados e domingos, o que significa dizer que estes últimos exercem outras atividades econômicas durante a semana, ou a mesma atividade em outros locais da cidade.

Todos esses pequenos comércios de cunho familiar ocupam pouco espaço e a sua venda é do tipo microvarejo (venda de produtos ou a comercialização de serviços em pequenas quantidades), pois o consumo é pequeno e irregular. O pequeno comerciante se reabastece em pequenas quantidades e quase todos os dias, assim oferecendo um estoque reduzido e diversificado para uma clientela que diariamente consome os produtos de acordo com suas necessidades momentâneas, principalmente, dos gêneros perecíveis.

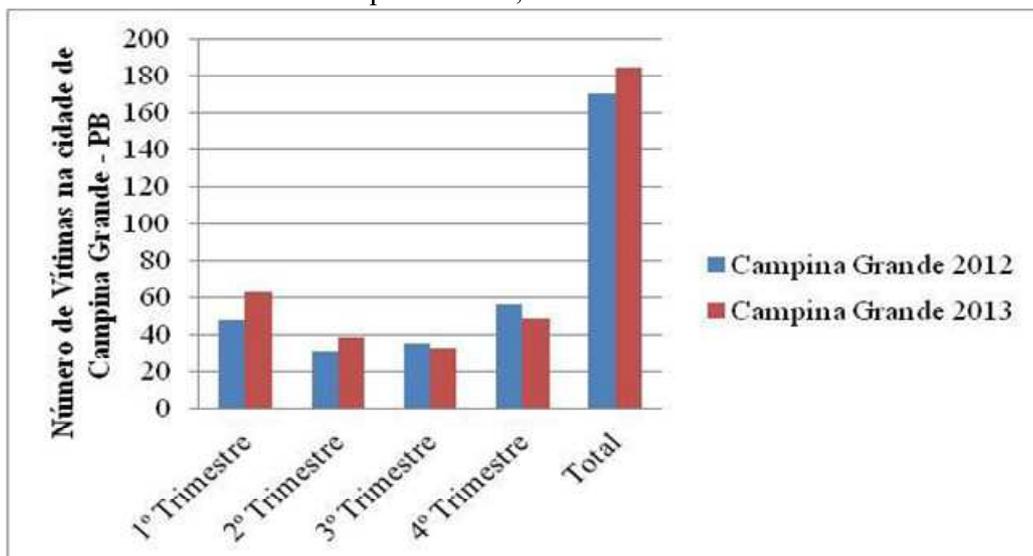
As diversas ocupações econômicas constituídas por famílias, principalmente, as de baixa renda representa uma alternativa imediata em relação ao desemprego. E, como o atendimento comercial se faz presente na própria residência familiar, os gastos em relação a impostos e meios de segurança são satisfatórios para as condições do pequeno empreendedor, uma vez que, este não pode pagar por equipamentos modernos de segurança, impostos oriundos do governo e nem sequer um salário mínimo para o seu funcionário, sendo que esta última despesa é substituída pelo trabalho em família. Assim, o circuito inferior se trata de um setor que oferece a qualquer indivíduo oportunidades de se criar atividades econômicas com entrada de pouco capital e logo se tornar um pequeno empreendedor que passará a dar condições melhores à família.

4.6- O pequeno comércio na Ramadilha II: Uma realidade gradeada e socialmente insegura

Na cidade de Campina Grande- PB, a partir de resultados de pesquisas realizados em 2010 pelo Instituto Sangari⁸ deixa perspicuo que o sentimento de insegurança tem abrangido de forma geral na cidade (Figura 14), porém este tipo de sentimento está mais presente no centro e nas periferias da cidade. Nesta perspectiva, é imprescindível manter uma ligação com a Geografia da percepção a fim de analisar a onda de violência e medo no bairro da Ramadilha II, ou seja, analisar um recorte espacial da cidade, onde os seus moradores vivem em meio aos delitos, seja eles violentos ou não, e ao sentimento coletivo de insegurança.

⁸ As pesquisas do Instituto Sangari sobre mapeamento da violência urbana podem ser consultadas na página (<http://mapadaviolencia.org.br/pdf2010/MapaViolencia2010.pdf>).

Figura 14- Número de Vítimas de CVLI (Crimes Violentos Letais Intencionais) na cidade de Campina Grande, entre os anos de 2012 a 2013.



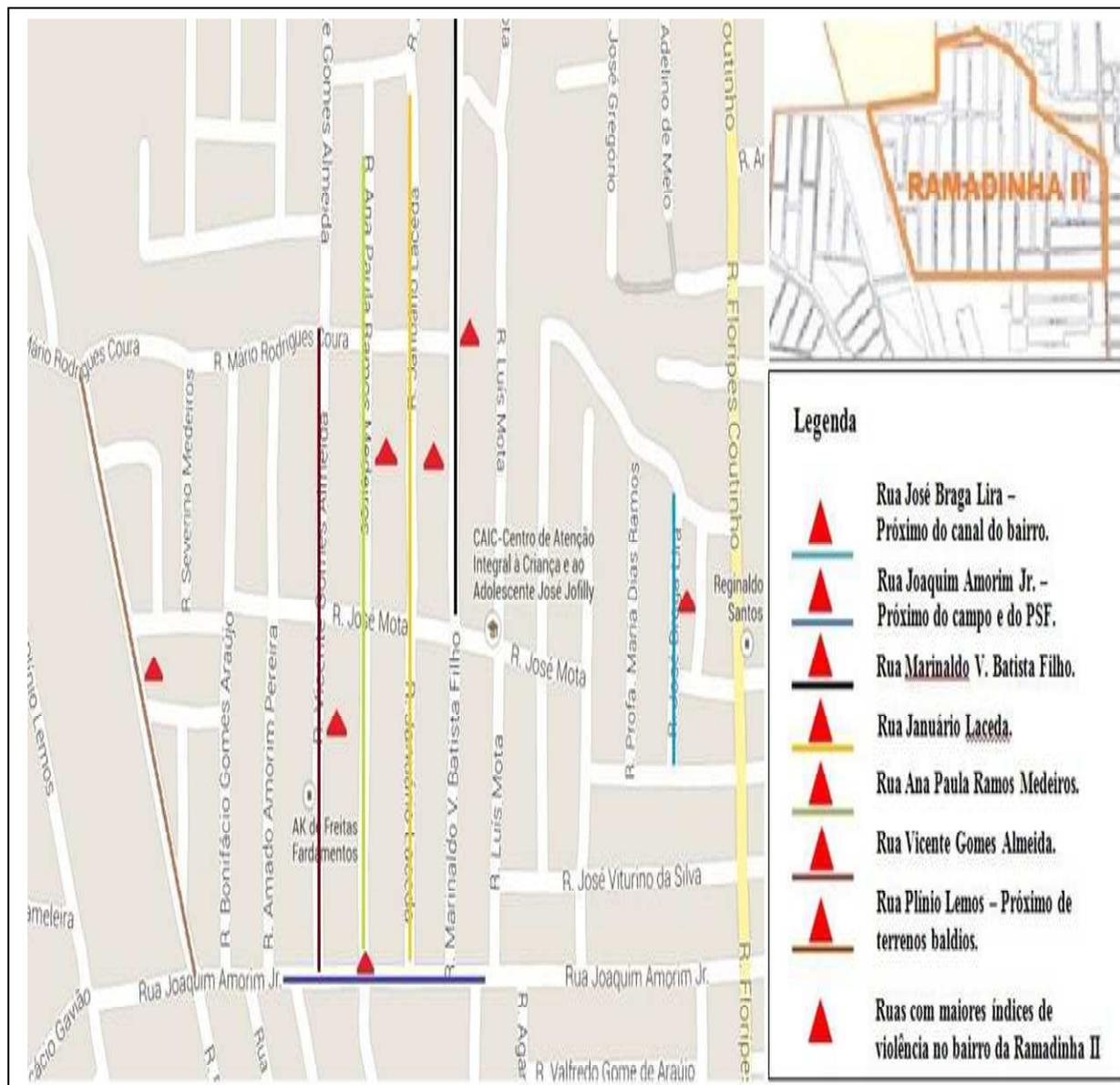
Fonte: Secretaria de Estado de Segurança e da Defesa Social (SEDS).

Percebe-se que a cidade de Campina Grande teve mais de 100 crimes violentos letais intencionais: homicídio doloso, e demais crimes violentos e dolosos que resultem em morte, entre os anos de 2012 a 2013. Então, devido aos níveis de criminalidade *in situ* e os seus impactos que trazem grandes prejuízos às vítimas diretas e indiretas⁹, a Ramadinha II e inclusive os seus residentes acabam perdendo tanto social como economicamente, a exemplo de investimentos externos em novas atividades econômicas e prestações de serviços considerados relevantes para a perspectiva de vida dos moradores e para a infraestrutura do bairro.

Em consequência, a percepção da probabilidade de vitimização no bairro, por sua vez, acaba sustentando o sentimento de insegurança e medo dos moradores, fazendo com que estes deixem de sair de casa (evitando determinados lugares da cidade) ou quando saem evitam chegar tarde em sua residência ou de andar em certas ruas, consideradas perigosas do bairro (Figura 15).

⁹ As vítimas diretas são aquelas que sofreram algum tipo de violência urbana, resultando em prejuízos econômico, social e psicológico. Já as vítimas indiretas são aquelas que testemunham a violência e produz uma probabilidade de vitimização por está próximo ao cenário violento.

Figura 15- Ruas do bairro da Ramadinha II consideradas perigosas devido aos constantes crimes ocorridos.



Fonte: Mapa Base – Elaborado por Damião Araújo da Silva, 2014.

Deste modo, em função da violência e das ondas de assaltos, muitos moradores do bairro e principalmente os seus comerciantes passam a investir em equipamentos de segurança pessoal, como cercas elétricas e grades de ferro, sendo esta última medida tomada pela a maioria dos pequenos comerciantes (Figura 16 e 17). Assim, em virtude de certas violências, assaltos e de insegurança ou medo na Ramadinha a mídia está sempre mostrando esse lado negativa, criando assim no telespectador aversão ao bairro e, na maioria das vezes, preconceitos aos seus moradores.

Figura 16- Grades de proteção na entrada de um estabelecimento pesquisado.



Fonte: Pesquisa de campo, nov./2013.

Figura 17- Grades de proteção instaladas na parte externa de um estabelecimento pesquisado.



Fonte: Pesquisa de campo, nov./2013.

Os acontecimentos de criminalidade perpetrado no bairro fazem com que os moradores circunstantes saibam mais sobre o seu espaço de convívio, a marginalidade, as questões relacionadas ao uso de drogas, os motivos de homicídios e a deficiência da segurança nele presente. Isto, devido a observação que seus próprios moradores fazem em seu ambiente, assim identificando certos tipos de comportamentos e, bem como, armazenando informações e, sobretudo a realidade objetiva do seu bairro que, por sua vez, as tais informações retidas possam auxiliar nos estudos para a gestão da segurança pública.

Durante a pesquisa em campo muitos entrevistados deram depoimentos sobre acontecimentos de criminalidade na Ramadinha II, o que serviu como respaldo para levantamento de informações sobre a insegurança no bairro.

Em um dos assaltos, os delinquentes levaram todo o dinheiro do caixa e puseram medo na clientela, além disso, invadiram também a minha casa e agrediram fisicamente o meu filho. Esse tipo de ação termina afastando a clientela, que tem medo de ir até o estabelecimento para fazer as suas compras, afirmou um comerciante de 42 anos.

As grades de ferro é a única opção que tenho para garantir a minha segurança e da minha família, pois o meu estabelecimento já foi assaltado por adolescentes e adultos. A polícia só aparece quando alguém morre, afirmou um comerciante de 50 anos.

Muitas coisas já ocorreram aqui na Ramadinha II: brigas, homicídios frequentes e assaltos diretos. Nunca fui assaltado aqui, mas conheço mercearias e pessoas que já foram vítimas da violência no próprio bairro, relatou um morador de 27 anos.

Portanto, as observações que os moradores de classe média fazem a respeito do bairro são fundamentais para que os mesmos possam tomar decisões sobre a vivência da sua família no local, ou melhor, no espaço habitado onde a insegurança e o medo são frutos contaminados de um ambiente inseguro. Entretanto, já os moradores de classe baixa sem alternativas convivem em meio aos níveis de criminalidade e de insegurança, mas com esperança de desenvolverem para o bairro medidas de segurança, tais como: unidades policiais que possam observar mais de perto a realidade do bairro, bem como, combater o crime e a violência e, sobretudo, punir os criminosos, causadores das ondas de assaltos e do sentimento coletivo de insegurança existente no bairro.

4.7- A dinâmica socioeconômica do pequeno comércio em relação à criminalidade

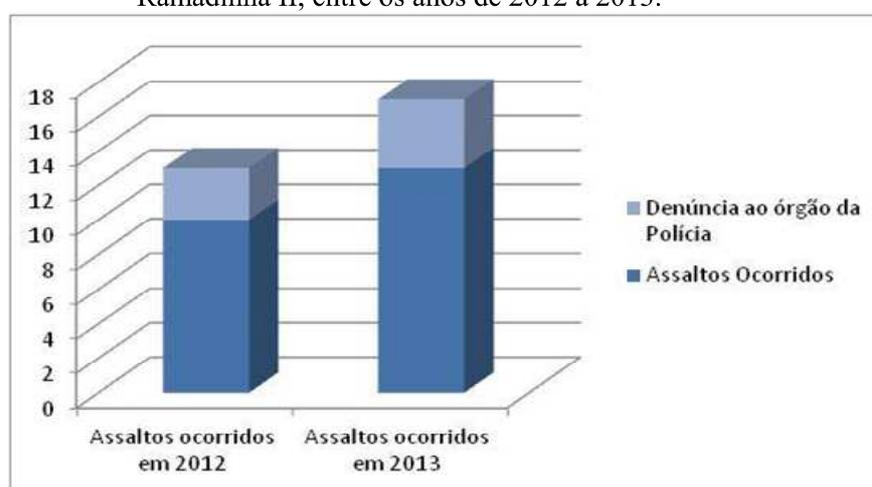
Os diversos tipos de comércios existentes na Ramadinha II são formas espaciais que fazem parte do seu espaço urbano e do seu fluxo socioeconômico, assim atendendo de acordo com a demanda de seus moradores. Dessa maneira, pode-se dizer que os respectivos estabelecimentos informais ou os pequenos comércios que se encontram no bairro são vistos como espaços de ação, ou seja, áreas destinadas à atividade relacionada a compras, trabalhos e consumos; onde os indivíduos se movimentam, executam as suas atividades e se interagem com maior frequência.

O comércio além de se definir como uma forma espacial também ocupa um papel de função social, onde ocorrem com frequência encontros entre moradores conhecidos da própria

rua ou do próprio bairro. Nesse sentido, o pequeno comércio se trata de um lugar de relações sociais, além de uma referência local e que está presente na vida socioeconômica dos moradores do bairro.

Mesmo definido os pequenos comércios como lugares de encontro, referência e sociabilidade entre os moradores, estes também são alvos da criminalidade urbana (Figura 18), gerando no pequeno comerciante e no cliente uma sensação de medo e insegurança. Logo, estes lugares se tornam, para muitos, locais vulneráveis e, conseqüentemente, menos frequentados, assim causando perda econômica para os microempreendedores do bairro.

Figura 18- Assaltos ocorridos aos pequenos comerciantes da Ramadinha II, entre os anos de 2012 a 2013.



Fonte: Pesquisa de campo, jul./2014.

Devido à frequência de ocorrência de crimes e a crescente onda de violência e medo no bairro, a grande maioria dos pequenos comerciantes adotam como medidas de segurança: a instalação de grades de ferro nas portas dos estabelecimentos e a redução do seu horário de funcionamento, para se prevenirem da ação de assaltantes.

Nesse sentido é cada vez mais crítica a situação destes pequenos comerciantes que se veem muitas vezes quase que desprotegidos, tornando-se presas fáceis da ação contínua do crime periférico urbano.

Estas ocorrências criminosas registradas constantemente nos pequenos estabelecimentos resultam em perdas gradativas da clientela, que também tem sido vitimada pela ação destes indivíduos, ameaçando, deste modo, as típicas relações sociais desempenhadas pelo pequeno comércio (DINIZ, 2009, p. 107).

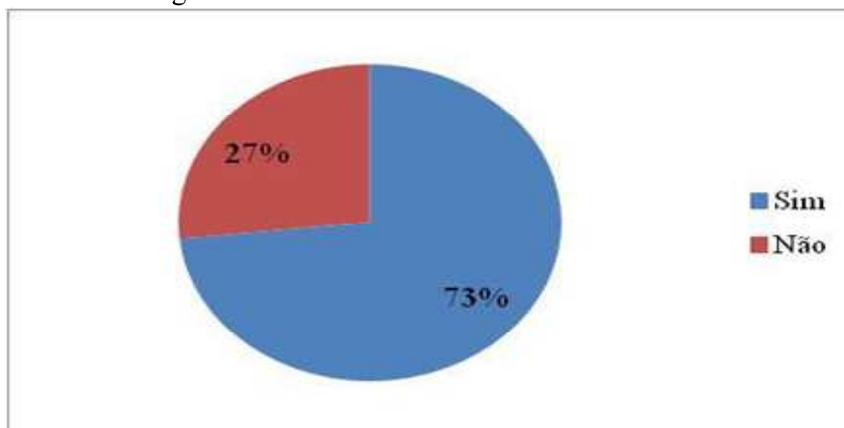
A questão da insegurança e a crescente onda de violência, principalmente, a violência urbana fazem com que os pequenos comerciantes do bairro da Ramadinha II utilizem grades de ferro para se protegerem da ação criminosa de assaltantes (Figura 19 e 20).

Figura 19- Grades de ferro na parte interna do estabelecimento comercial pesquisado.



Fonte: Pesquisa de campo, nov./2013.

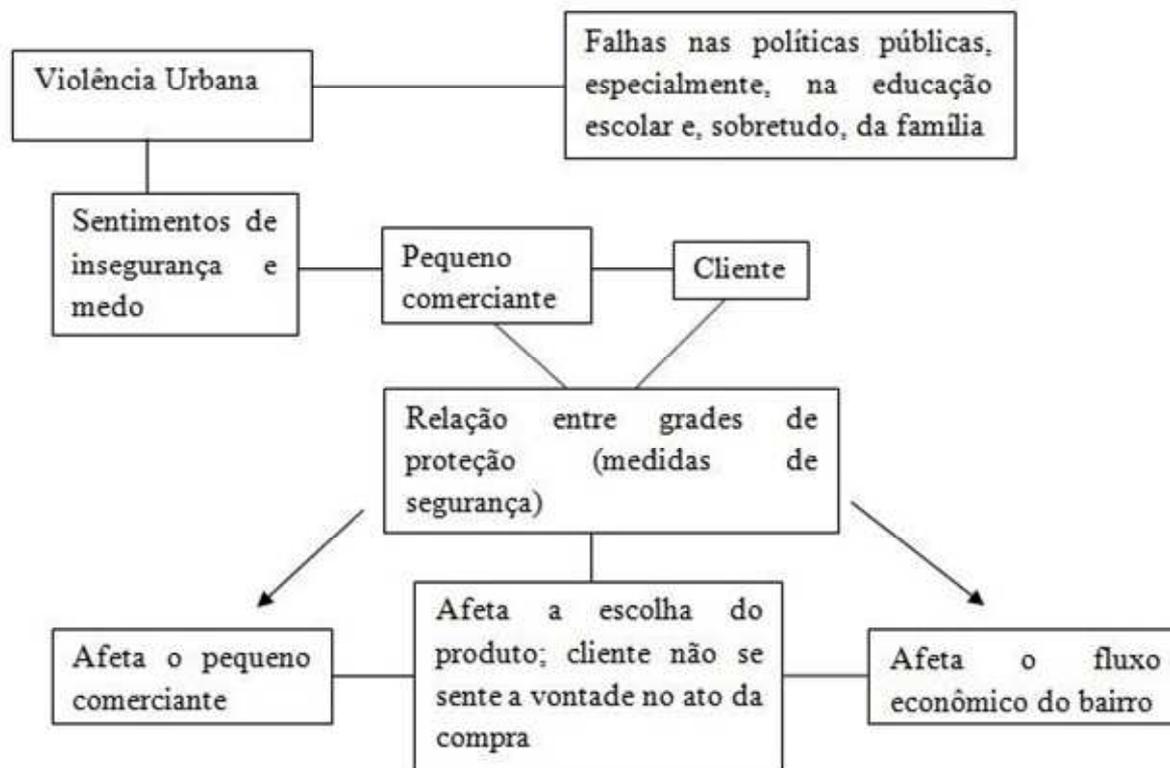
Figura 20- Relação dos comerciantes que afirmam que a utilização das grades de ferro dificulta o seu trabalho.



Fonte: Pesquisa de campo, jul./2014.

As grades de ferro adotadas como medida de segurança ocasionam mudanças de hábito entre o dono do comércio e a sua clientela, além da dificuldade do cliente nas escolhas dos produtos a ser consumidos e, sobretudo a perda econômica que o microempreendedor sofre em relação à violência no bairro em questão (Figura 21).

Figura 21- Marco de análise para o estudo das consequências da violência urbana.



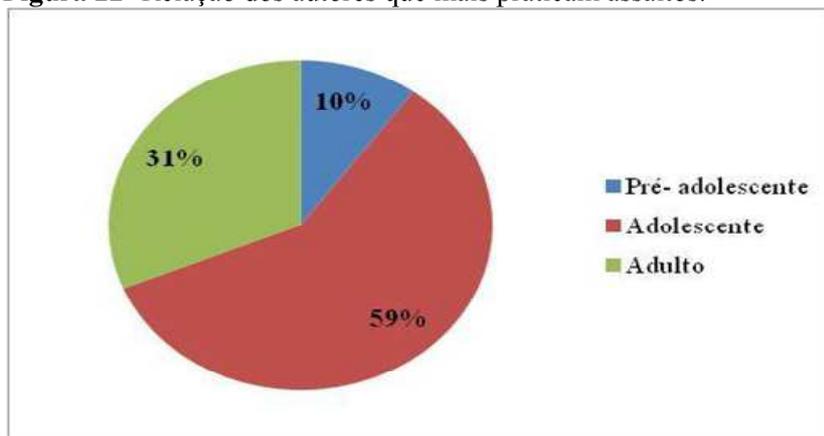
Fonte: Damião Araújo da Silva, 2014.

Portanto, a violência urbana é um dos principais problemas sociais da atualidade, visto que envolve uma série de problemáticas e dilemas, uma vez que este fenômeno afeta tanto o pequeno comerciante como também a mobilidade dos moradores e da clientela local; assim, os sentimentos de insegurança e sensação de medo acabam sendo uma realidade visível aos olhos da sociedade, bem como, um problema a ser alavancado pelas políticas públicas e órgãos de segurança social.

4.8- Os autores da violência e do medo

De acordo com as análises dos questionários aplicados aos comerciantes e cliente/moradores da Ramadinha II e através das informações obtidas pela 2ª Superintendência de Polícia Civil da cidade de Campina Grande, a prática dos assaltos são cometidos por crianças, adultos e, na sua grande maioria, por adolescentes que atuam em dupla, conforme se ver na Figura 22.

Figura 22- Relação dos autores que mais praticam assaltos.



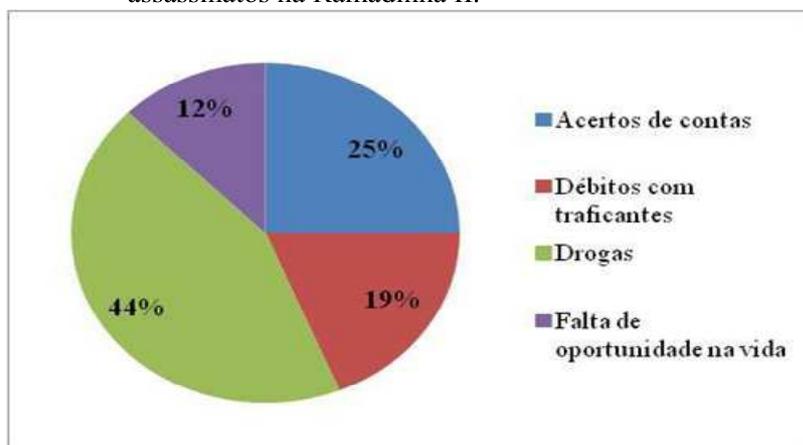
Fonte: Pesquisa de campo, jul./2014.

Muitos dos adolescentes e crianças praticam atos criminosos por diversos motivos:

- 1º) Crianças maltratadas, agredidas ou abusadas sexualmente pelos os seus parentes;
- 2º) Famílias que não lhes transmitem valor social, moral ou limites de disciplina;
- 3º) Associados com grupos de comportamentos antissociais;
- 4º) Vividas sob desigualdade ou vulnerabilidade social;
- 5º) Falhas no sistema de educação e desestruturação da família.

Em relação às causas dos assaltos no comércio e assassinatos ocorridos no bairro (Figura 23), os entrevistados ressaltaram motivos ligados a acertos de contas, débitos com traficantes e, principalmente, aos problemas relacionados com drogas (dependência química).

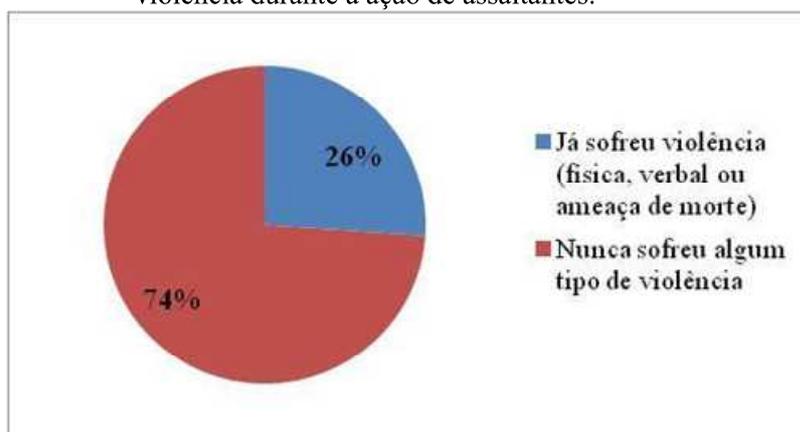
Figura 23- Principais motivos ligados aos assaltos no comércio e assassinatos na Ramadilha II.



Fonte: Pesquisa de campo, jul./2014.

Quando questionado aos comerciantes entrevistados sobre o momento da ação dos assaltantes ao estabelecimento, se sofreram algum tipo de violência (verbal, física, ameaça de morte ou outro tipo), foi analisado que a maioria não sofreu algum tipo de violência (Figura 24). Segundo os entrevistados, os assaltantes chegam com armas de fogo, anunciam o assalto e manda ninguém se mexer, enquanto um deles retira o dinheiro do caixa.

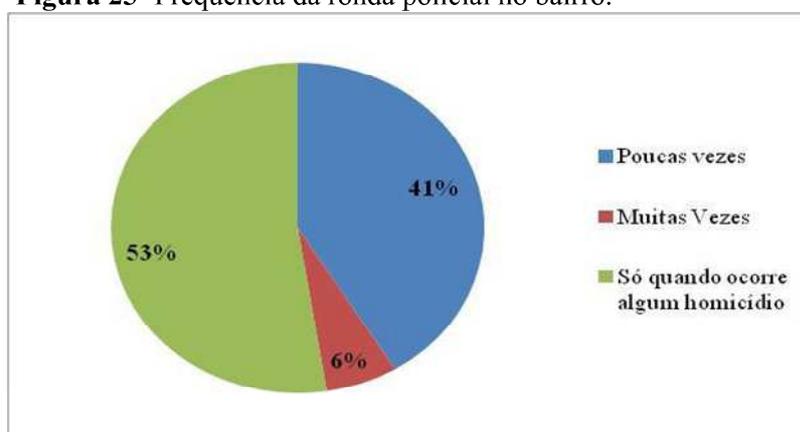
Figura 24- Relação de comerciantes que sofreram algum tipo de violência durante a ação de assaltantes.



Fonte: Pesquisa de campo, jul./2014.

A partir dos dados levantados sobre a frequência da ronda policial no bairro (Figura 25), os pequenos comerciantes e os moradores do bairro responderam que os policiais só aparecem quando tem ocorrido algum homicídio.

Figura 25- Frequência da ronda policial no bairro.



Fonte: Pesquisa de campo, jul./2014.

Para os pequenos comerciantes e os moradores consultados da Ramadinha II, a ação dos policiais tem deixado a desejar, pois não garante a segurança destes e o serviço é muito ineficiente ao público, o que torna difícil para os pequenos comerciantes comercializar o seu produto sem a utilização das grades nos estabelecimentos comerciais. Além disso, afeta bastante o cliente, tanto em escolher o seu produto para consumo como também em frequentar tais lugares do bairro, prejudicando assim a dinâmica socioeconômica (circulação, comercialização e investimento) da Ramadinha II.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na pesquisa realizada, a Ramadinha II foi fundada recentemente, em meados de 1980 por meio de uma invasão. A invasão ao terreno que pertencia a prefeitura da cidade de Campina Grande se deu através de muitas lutas, resultando assim na fundação do bairro da Ramadinha II.

De acordo com o SEPLAN e o IBGE, a Ramadinha II está registrada oficialmente como Malvinas, no entanto, a existência da Ramadinha II se dá por motivos históricos e pelo os seus moradores que a reconhece enquanto bairro.

No que se refere aos pequenos comércios, o que se predomina são as mercearias do tipo bodega, abrindo assim oportunidade para as diversas e novas formas de atividades comerciais. Porém, é óbvio que a dinâmica socioeconômica do pequeno comerciante e o investimento externo ao bairro se limitam devido às ondas de violência e medo que neste ocorrem. Além disso, os pequenos empreendedores tem dificuldade em comercializar os produtos das prateleiras, pois o uso das grades de ferro na entrada dos estabelecimentos comerciais tem tornado difícil à relação do cliente com o pequeno comerciante.

A predominância dos comércios informais na Ramadinha II são bastante comuns nos bairros de circuito inferior, e na sua grande maioria o trabalho se faz em família e na própria residência do comerciante, já que este não tem condições de pagar impostos e um salário mínimo ao empregado. Os seus produtos são comercializados de acordo com as necessidades e interesses da clientela local e na maioria das vezes trabalham de domingo a domingo, mantendo assim uma jornada de trabalho longa e sem dia de folga. Nota-se também que os clientes/ moradores tanto consomem produtos nos pequenos comércios do próprio bairro (consumo do tipo não-moderno), como também compram produtos nos bairros de circuito superior (consumo do tipo moderno).

Percebe-se que os pequenos comércios existentes no bairro da Ramadinha II, mesmo a maioria sendo comércios informais (sem registro legal para o funcionamento de uma atividade econômica) são formas que fazem parte do espaço urbano e da sua dinâmica socioeconômica, sobretudo, da vida de muitos que dependem exclusivamente deste comércio para o sustento da sua família.

Evidencia-se também que os moradores e, principalmente, os pequenos comerciantes do bairro tem investido em grades de ferro como forma de segurança contra as práticas de assaltantes. Este método de segurança, por ser economicamente viável as condições do microempreendedor, se tornou bastante utilizado entre os pequenos comércios pesquisados.

Cabe salientar que, o uso das grades de proteção tem tanto inibido as ações de criminosos como também tem alterado a forma de relação com a clientela local.

A criminalidade no bairro da Ramadinha II, seja crime violento ou não violento, tem promovido uma série de efeitos negativos tanto nos seus moradores quanto na população afora. Esta série de efeitos tem causado prejuízos econômicos, sociais e psicológicos, principalmente, aos pequenos comerciantes que, na sua maioria, residem e trabalham no próprio bairro, o que acaba ficando constantemente expostos as ondas de violência e medo.

Os efeitos negativos, a exemplo de sentimento de insegurança e topofobias são mais agravantes quando representados pela mídia a um público menos crítico, este constantemente alimentado e manipulado pelos discursos midiáticos. A mídia, geralmente, desencadeia uma reação de medo e alimenta o sentimento de insegurança e de preconceito sobre os lugares que ocorreram tais crimes, em especial, os de circuito inferior.

De 2012 a 2013 houve aumento em relação aos assaltos ocorridos nos pequenos comércios da Ramadinha II. No entanto, são poucos dos pequenos empreendedores que registram denúncia aos órgãos da polícia, pois estes acreditam que a polícia nada fará em relação aos assaltos ocorridos. Para os pequenos comerciantes a criminalidade só diminuirá quando a polícia estiver inserida na realidade do bairro, ou seja, o que falta é um posto de policiamento para garantir a segurança tanto dos comerciantes como também dos moradores do bairro.

A violência e os seus sentimentos derivados tem preocupado e comprometido às diversas formas de atividades econômicas do bairro, ou melhor, o seu fluxo econômico. Além disso, tem comprometido também a liberdade do morador em circular nas ruas do próprio bairro. Assim, se pode afirmar que a deficiência da segurança pública, como a ronda policial ou postos de policiamento e, sobretudo, de políticas públicas que prezem pelo bem-estar social e do povo tem contribuído para ascensão da criminalidade e bem como aos sentimentos de insegurança e do medo.

REFERÊNCIAS

BAUMAM, Zygmunt. Sobre a origem, a dinâmica e os usos do medo. In: _____. **Medo líquido**; Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p.7-33.

_____. **Confiança e medo na cidade**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano**: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: FFLCH, 2007, p. 23-44.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1986.

_____. **O Espaço Urbano**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.

_____. **Região e organização espacial**. 7.ed. São Paulo: Ática, 2003.

_____. **O Espaço urbano**. São Paulo: Editora Ática, 2004.

CRIMES Violentos Letais Intencionais. **Boletim Trimestral de Criminalidade**. 2012-2013. Disponível em: < <http://www.paraiba.pb.gov.br/especiais/pbunidapelapaz/> >. Acesso em: 18 ago. 2014.

DINIZ, Lincoln da Silva. **Permanências e transformações do pequeno comércio na cidade**: as bodegas e a sua dinâmica sócio-espacial em Campina Grande. Campina Grande: EDUFCEG, 2009.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Banco de dados**. 2010. Disponível em: < <http://www.sidra.ibge.gov.br/cd/cd2010RgaAdAgsn.asp> >. Acesso em: 21 ago. 2014.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

NASCIMENTO, Aurélio Eduardo e BARBOSA, José Paulo. **Trabalho**: História e Tendências. São Paulo: Ática, 1996, p. 55-74.

OLIVEIRA, Ariovaldo U. de. Educação e ensino de geografia na realidade brasileira. In: OLIVEIRA, A. U. de (Org.). **Para onde vai o ensino da geografia?**. 4. ed. São Paulo: Pinski, 1994, p. 135-144.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE. **Mapa Urbano**. Campina Grande: SEPLAN, 2012.

QUIVY, R; CAMPENHOUDT, L. **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. Lisboa: Gradiva, 1992.

SÁ, Maria. Braga de; ARAÚJO, Martha Lúcia Ribeiro. **Origens e Evolução do Comércio de Campina Grande**. Jornal da Paraíba. Campina Grande, 11 out. 1988.

SÁ, Maria Braga de. A paisagem recriada: um olhar sobre a cidade de Campina Grande. In: GURJÃO, Eliete de Queiroz (org). **Imagens Multifacetadas da história de Campina Grande**. João Pessoa: A União, 2000.

SANTOS, Milton. **O Espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

_____. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **O Espaço Dividido**: Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

_____. **Da Totalidade ao Lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.

_____. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SIVIERI, Luiz Humberto. Saúde no trabalho e Mapeamento dos Riscos. In: TODESCHINI, R. (Org). **Saúde Meio Ambiente e Condições de Trabalho**: conteúdos básicos para uma ação sindical. São Paulo: CUTFundacentro, 1995, p. 80-110.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **Fobópole** – O medo generalizado e a militarização da questão urbana. Rio de Janeiro: editora Bertand Brasil. 2008.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

WASELFISZ, Júlio Jacob. **Mapa da violência dos municípios brasileiros**. Brasília: MJ/MS:RITLA/ Instituto Sangari, 2010. Disponível em: <
<http://www.sangari.com/mapadaviolencia/mapa2010.html> >. Acesso em: 25 set. 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A: MODELO DE ENTREVISTA



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
 DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
 CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA
 ENTREVISTADOR: DAMIÃO ARAÚJO DA SILVA
 TÍTULO DA ENTREVISTA: A DINÂMICA SOCIOECONÔMICA DO PEQUENO
 COMÉRCIO NO BAIRRO DA RAMADINHA II, CAMPINA GRANDE-PB: UMA
 REALIDADE POR TRÁS DE GRADES

ENTREVISTA AO COMERCIANTE

Prezado (a) Senhor (a) comerciante do Bairro da Ramadinha II, a realização desta entrevista é de extrema importância para o levantamento de informações pertinentes a realidade do microempreendedor do bairro que, por sua vez, comercializa seus produtos em meio das frequências ondas de violência ocorrida no bairro. Esta entrevista objetiva coletar o máximo de informações possíveis para a construção de documentos concretos. Assim, a sua participação será fundamental para contribuição desta pesquisa referente à realidade do bairro da Ramadinha II, sobretudo, no que se refere ao microempreendedor que vive e trabalha com o sentimento de medo e insegurança.

Entrevista nº: ____

Local da Entrevista: _____

Sexo do Entrevistado: () M () F

Faixa Etária: () 18 a 29 () 30 a 49 () 50 a 59 () > 60

1- A constante onda de violência e medo no bairro da Ramadinha II tem assolado não só a comunidade local como também os pequenos comerciantes que moram e trabalham neste espaço. Então, quais as medidas preventivas tomadas pelos pequenos comerciantes em relação aos assaltos que acontecem no bairro?

2- A utilização das grades de ferro no estabelecimento comercial tem como benefício à proteção de quem fica por trás do caixa, mas como ponto negativo tem afetado a cliente local, já porque o cliente tem a necessidade de escolher o produto a ser consumido. Nesta perspectiva, como o comerciante tem encarado essa realidade entre grades e a necessidade da comercialização de seus produtos?

3- A instalação das grades de ferro no comércio dificulta a dinâmica socioeconômica como também limita o comerciante no seu próprio local de trabalho para melhor realização das vendas. Qual é a visão crítica a passar para os órgãos políticos e de segurança pública em relação ao comerciante trabalhador que se encontra entre grades, como se o infrator fosse o próprio comerciante?

4- Você já vivenciou ou vive alguma situação de extorsão ou ameaça a seu estabelecimento comercial; tendo que agir contra a sua própria vontade em “agradar” certos delinquentes para evitar futuros assaltos? Caso sim, como isso ocorre?

5- O seu estabelecimento em algum momento já foi assaltado? Caso sim, relate o ano do ocorrido e os prejuízos sofridos em relação ao aumento destas ondas de violência no bairro.

6- O que você tem a dizer sobre as rondas das polícias no bairro? Qual a sua periodicidade/frequência? É preciso melhorar a segurança no bairro?

7- Qual é a visão que você tem hoje da Ramadilha II em relação à violência se comparada há muitos anos atrás?

APÊNDICE B: MODELO DE QUESTIONÁRIO I



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
 DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
 CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA
 PESQUISADOR: DAMIÃO ARAÚJO DA SILVA
 TÍTULO DA PESQUISA: A DINÂMICA SOCIOECONÔMICA DO PEQUENO
 COMÉRCIO NO BAIRRO DA RAMADINHA II, CAMPINA GRANDE-PB: UMA
 REALIDADE POR TRÁS DE GRADES

QUESTIONÁRIO AO COMERCIANTE

Prezado (a) Senhor (a) comerciante do Bairro da Ramadinha II, o presente questionário é de suma importância para obter informações pertinentes à realidade dos pequenos comércios e de seus microempreendedores em relação à criminalidade (assaltos, roubos e assassinatos) ocorrido no bairro. Este questionário objetiva coletar informações para a construção de documentos concretos, bem como, procurar medidas que possam amenizar o índice de criminalidade e assaltos constantes no local de trabalho dos pequenos comerciantes existentes no bairro. Portanto, solicito-o que possa responder honestamente esse questionário; ficarei grato pela sua contribuição neste estudo.

Questionário nº: _____

Local da Pesquisa: _____

Sexo do Pesquisado: () M () F

Faixa Etária: () 18 a 29 () 30 a 49 () 50 a 59 () > 60

1- Estado Civil:

() Solteiro () Casado () Divorciado () Viúvo () Outro, qual? _____

2- Qual é a sua naturalidade?

() Campina Grande – PB () outra cidade, qual? _____

3- Qual é o seu nível de escolaridade? Marque com um X abaixo.

() Nunca cursou () Ensino Fundamental () Ensino Médio () Superior

4- Há quanto tempo você reside neste bairro?

() menos de 10 anos () mais de 10 anos

5- Há quanto tempo você trabalha como comerciante neste bairro?

() menos de 10 anos () mais de 10 anos

6- A sua família trabalha com você no comércio?

() Sim () Não

7- O seu local de trabalho já foi assaltado alguma vez?

() Sim () Não Se sim, quantas? _____

8- Por favor, caso seja sim, relate um pouco sobre o momento do assalto?

9- Durante a ação dos assaltantes você sofreu algum tipo de violência?

Sim Não

10- Em caso sim, que tipo de violência?

Verbal

Física

Ameaça de Morte

Outra. Qual? _____

11- Você apresentou denúncia ao órgão da polícia?

Sim Não

12- Caso sim, o serviço do policiamento foi prestativo?

Sim Não

13- Depois dos assaltos acontecidos, a sua clientela continua a mesma, ou seja, frequentando o seu comércio para fazer compras?

Sim Não

14- Quais as medidas tomadas por você para se proteger da ação dos assaltantes?

15- Os assaltos que aconteceram em seu estabelecimento foram praticados por qual tipo de faixa etária?

Pré- adolescente

Adolescente

Adulto

16- Dentro do bairro você tem algum colega ou conhecido da mesma profissão que já foi vítima de assalto?

Sim Não

17- Qual é a frequência da ronda policial no seu bairro?

Poucas vezes

Muitas vezes

Só aparece quando acontece alguma violência

18- A utilização das grades de ferro no seu estabelecimento comercial dificulta o seu trabalho, a exemplo da comercialização de suas mercadorias?

Sim Não

19- A Ramadinha II está mais ou menos violenta se comparada há 10 anos?

20- Quais as causas dos assaltos no comércio e assassinatos ocorridos no bairro?

Drogas Acerto de contas Débitos com traficantes Outros, quais? _____

APÊNDICE C: MODELO DE QUESTIONÁRIO II



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
 DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
 CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA
 PESQUISADOR: DAMIÃO ARAÚJO DA SILVA
 TÍTULO DA PESQUISA: A DINÂMICA SOCIOECONÔMICA DO PEQUENO
 COMÉRCIO NO BAIRRO DA RAMADINHA II, CAMPINA GRANDE-PB: UMA
 REALIDADE POR TRÁS DE GRADES

QUESTIONÁRIO AO CLIENTE/ MORADOR

Prezado (a) Senhor (a) residente do Bairro da Ramadinha II, o presente questionário é de suma importância para obter informações pertinentes à realidade dos pequenos comércios em relação à criminalidade e bem como coletar dados sobre a sensação de medo e a insegurança existente no bairro. Portanto, cabe aos mesmos responderem o mais fielmente possível as questões deste questionário de forma totalmente voluntária para obtermos informações que contribuirão nesta pesquisa; como meio que visa à procura de medidas que possam amenizar a violência presente no bairro.

Questionário nº: _____

Local da Pesquisa: _____

Sexo do Pesquisado: () M () F

Faixa Etária: () 18 a 29 () 30 a 49 () 50 a 59 () > 60

1- Estado Civil:

() Solteiro () Casado () Divorciado () Viúvo () Outro, qual? _____

2- Qual é a sua naturalidade?

() Campina Grande – PB () outra cidade, qual? _____

3- Qual é o seu nível de escolaridade?

() Nunca cursou () Ensino Fundamental () Ensino Médio () Superior

4- Há quanto tempo você reside neste bairro?

() menos de 10 anos () mais de 10 anos

5- Qual a renda média familiar?

() até 1 salários () até 2 salários () mais de 2 salários

6- Você tem conhecimento sobre a fundação da Ramadinha II?

() Nenhum () Pouco () Muito

7- Se POUCO ou MUITO, relate brevemente sobre sua fundação.

8- Você já foi vítima de assalto ou de outro tipo de violência (física, verbal ou ameaça de morte) no próprio bairro?

() Sim () Não

9- Por favor, caso seja sim, relate um pouco sobre o ocorrido.

10- Se já foi vítima de alguma violência no próprio bairro, você apresentou denúncia ao órgão da polícia?

Sim Não Por quê? _____

11- Caso sim, o serviço do policiamento foi prestativo?

Sim Não

12- Você já foi assaltado (a) fora do seu bairro?

Sim Não Se sim, Onde foi? _____

13- Você já presenciou algum tipo de violência no seu próprio bairro?

Sim Não Se sim, Qual? _____ (ex.:assassinato, assalto, roubo, brigas)

14- Os assaltos frequentes ou assassinatos que ocorrem no seu bairro são praticados por qual tipo de faixa etária?

Pré- adolescente Adolescente Adulto

15- Devido à ocorrência frequente da criminalidade no bairro, mencione o nome de uma rua que é mais perigosa para você poder andar. E até que horas da noite você é acostumado (a) a andar no seu bairro?

16- Qual é a frequência da ronda policial no seu bairro?

Poucas vezes Muitas vezes Só aparece quando acontece alguma violência

17- A Ramadinha II está mais ou menos violenta se comparada há 10 anos?

18- Você costuma comprar alimentos ou produtos de limpeza nas bodegas, mercearias ou mercadinhos do seu próprio bairro?

Sim Não Por quê? _____

19- Caso sim, com qual periodicidade você costuma comprar no seu bairro?

Diariamente Uma a duas vez por semana Três vezes por mês Mensalmente

20- Onde você mais realiza suas compras:

- a) Somente em mercados do próprio bairro
- b) Somente em supermercados do centro urbano de Campina Grande - PB.
- c) Em mercados de bairro, mas as maiores compras são sempre feitas em supermercados no centro da cidade.
- d) Utiliza os mercados de bairro e centrais na mesma intensidade.

21- Quais as causas dos assaltos no comércio e assassinatos ocorridos no bairro?

Droga Acerto de contas Débitos com traficantes Outros, quais? _____